

SETEMBRO

Set. de 1916



Revista
Feminina

Anno 3
№ 28



Mme. ADELAIDE BERTOILDE MAYSER
DIPLOMADA COM UM MEZ DE ESTUDO CORTANTE
Remette-se gratuitamente Prospectos
N. 29 RUA 15 DE NOVEMBRO N. 29 — SÃO PAULO

Fabrica de Pentes e Botões "ORION"

El mar, a antiga, a mais aperfeiçoada e a maior do Brasil
Fundada no anno 1895

J. GRIESBACH & CIA.

RUA JOAQUIM CARLOS, N. 83

TELEPHONE No. 77 — BRAZ

End. Telegraphico: "ORION" - Caixa N. 304
S. PAULO

Compra-se qualquer quantidade de chifres e canellas de mocotó.



CASA LEMCKE

RUA LIBERO BADARÓ, 100-104

TELEPHONE, 253 - CAIXA, 221

Fazendas, Modas, Roupas branca,

Armarinho

PREÇO FIXO — IMPORTAÇÃO DIRECTA

HENRIQUE LEMCKE - S. PAULO

AUTO-GERAL



CASSIO PRADO

Accessorios para Automoveis
PNEUMATICOS.
LUBRIFICANTES
GAZOLINA

Telephone, 3706 — Caixa, 284
Rua Barão de Itapetininga 17

SÃO PAULO



Accessorios para AUTOMOVEIS
PNEUMATICOS "MICHELIN"
Gazolina e Oleos.

Carga de Accumuladores.

Rua Barão de Itapetininga, 30
TELEPHONE, 694
SÃO PAULO

O VICIO DE ROER AS UNHAS

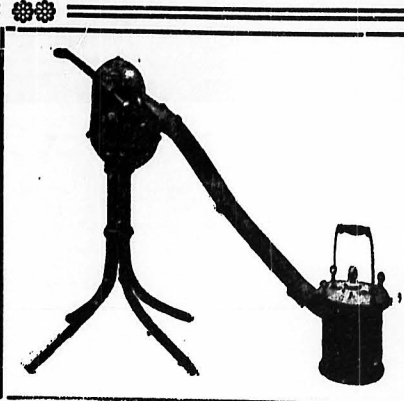
Temos em mãos neste momento um excelente preparado, da Mfg. Drugs S. Paulo C., para evitar o vicio de roer as unhas, que é muito commum nas creanças e sempre prejudicial, provocando lesões no estomago e casos frequentes de appendicite com morte em 24 horas. Quem vê uma linda creança com os dedinhos postos na bocca cor de rosa, roendo as unhas, não imagina muitas vezes os perigos a que ella se expõe e cuja responsabilidade cabe as mãos imprevidentes e descuidadas. Por um accordo com a Manufacturing Co., podemos aceitar os pedidos das nossas leitoras, ao preço de 55500 o vidro de livre porte.

As Formigas Sauvas

Depois de conhecida esta machina, como já a conhecem centenas de lavradores que sabem dos seus infalliveis efeitos contra a existencia das daninhas formigas, não haverá mais motivo de queixa dos prejuizos causados por tão terrivel praga.

Não são mais necessarios reclamos para tornar conhecidas as vantagens da machina «Luiz da Silva», bastam os testemunhos de centenas de lavradores que se consideram felizes em possuir a referida machina, e a fama justa que attestam os milhares de testemunhos que prezenciam os maravilhosos efeitos e a economia que se verifica com a applicação da machina «LUIZ DA SILVA» e do ingrediente «BU-FALO».

Peçam Informações á Sociedade Paulista de Agricultura — Rua Libero Badaró, 25 — S. Paulo.



Carrapatos.

Contra a terrivel praga dos carrapatos tambem se encontra com a mesma Sociedade o infallivel carrapatocida marca «TOURO».

É sem duvida o melhor preparado, o mais effcaz e o mais economico. Peçam informações a respeito.

Diarrheia dos Bezerros.

Contra a diarrheia dos bezerros é «CYMAROL» o remedio infallivel. Encontra-se com o depositario Luiz da Silva, R. Libero Badaró, 125, S. Paulo.

Feridas dos Animas.

Para curar quesequer feridas de gado cavallar, bovino etc., emprega-se «BICKMORINE». Dirigir pedidos ao ar. Luiz da Silva, R. Libero Badaró, 125, S. Paulo.

La Hacienda.

A melhor e mais elegante revista que se publica no mundo sobre todos os ramos da Agricultura. Obtem-se a sua assinatura de um anno por 3 dollars e 60 centesimos e por 5 annos por 18 dollars, com direito a um elegante e finissimo relógio suizo dourado.

Fazenda Moderna.

A unica e mais completa obra nacional a cores, sobre a creação de gado, em um grande volume enciclopedico, escripta pelo conhecido e illustrado Dr. Eduardo Cotrim. No Estado de S. Paulo encontra-se na Sociedade Paulista de Agricultura, com o depositario Luiz da Silva. Remette-se com porte pago por 21500.

CERVEJA ANTARCTICA

— E' A MELHOR —

— BEBAM SI - SI —

— A maravilhosa bebida sem alcool —
OS LICORES DA ANTARCTICA

Rivalisam com os de fabricação estrangeira

MAPPIN STORES
SOCIÉTÉ ANONYME BRÉSILE



NESTA EXPOSIÇÃO ESTÃO REPRESENTADOS OS MAIS FINOS EXEMPLARES DA ARTE DO ORIENTE, TAPETES ENTANÇADOS A MÃO NOS VILAYETS DA PERSIA E LINDOS EXEMPLARES DE TRABALHOS DO HINDOSTÃO, ARMENIA E OUTROS PAIZES DA ASIA MENOR.

CONVIDAMOS TODOS «CONNAISSEURS» A VISITAR ESTA EXPOSIÇÃO POIS NÃO SÓ É ELLA ÚNICA NO GÊNERO MAS OS PREÇOS TAMBÉM SÃO ATTRAHENTES, SENDO ELLES DESDE 10 A 20 POR CENTO ABAIXO DOS PREÇOS DE COSTUME.

MAPPIN STORES
RUA 15 DE NOVEMBRO, 26 - S. PAULO
CAIXA POSTAL, 1391 :—: TELEPHONE, 45

ANNO III

SÃO PAULO, SETEMBRO DE 1916

NUM. 28

PROPRIEDADE
DA EMPRESA
FEMININA
BRASILEIRA

Revista Feminina

DIRECTORA:
VIRGILINA DE
SOUZA SALLES

REDACÇÃO:
ALANRDA GLETTE, 67

Preço para venda avulsa:
600 réis

ASSIG. ANNUAL PARA TODO O
BRASIL 7000
TELEPHONE No. 6004

SETEMBRO

A guerra, como o vendaval, não somente varre o que encontra ao rez da vida, e como ainda desenraiza factos e tradições que confundem e desmatura, no torvelinho de destruição que lhe é de natureza e de feição. Nada escapa ao flagello. Na sua engrenagem terrível de aço acutilante e cruel nem só o sangue espadana e a vida se extingue. Suas raízes multiplas e damminhas vão mais longe, vão colher a vida na sua essencia imponderavel, que lhe constitue a moral e o anhelto. Não ha para ella gritos de almas que a compadeçam. Nem lagrimas que a satisficam. Nem lutos que lhe bastem. Nem virgindades que a detenham. Nem piedade que lhe aclare por minutos a furia sanguisedada e homicida.

A guerra é o delirio collectivo para a qual a razão é um mytho e o ideal a alma vazia de uma abstracção que tenta debalde, com um veu de gaze, vendar os olhos da força. Eis porque na guerra actual, como em todas as demais, os principios longamente adquiridos em seculos de civilisação, desmancharam-se uns, em poesia inapreciavel e vacillam outros, ao sopro tremendo de loucura, que a acompanha. Uma philosophia nova, uma nova moral, a philosophia e a moral das guerras, substitue neste momento, mesmo perante espiritos esclarecidos, as theorias que a experiencia secular e a evolução da especie, haviam crystallizado em principios de definitiva amalgamação.

Para nós mulheres, que temos a nossa guarda não somente o lar, como as tradições que lhe constituem a alma e a sublimidade, o arrojo da moral que aos poucos se eleva da carnificina atroz que assombra ao mundo, não pôde deixar de merecer um protesto violento. Tão vilmente ella se apresenta que mais parece a evaporação das visceras ainda quentes que a guerra expõe á luz meridiana, do que vislumbres de razão.

Dois factos principaes definem sem ambages o trabalho subterraneo com que ella prepara a derrocada geral dos principios primeiros que constituem a essencia de nossa moral.

Logo de inicio, quando forças victoriosas atravessaram territorios estrangeiros e vieram os primeiros boatos de lares invadidos e de mulheres ultrajadas, brotou á flor dos labios do chauvinismo extremo, como uma pergunta oportuna, qual o destino que se devia dar aos fructos que retorlisssem dos ultrajes feitos pelo invasor, á honra das mulheres vencidas. E houve vozes que immediatamente se ergueram aconselhando uma nova Herodiade e corações que se diziam compassivos e que propuzeram que em vez de degolar o filho do invasor, concedessem os poderes publicos permissoes para que se lhes evitasse o nascimento!

Sim, porque o filho do invasor, deixava de ter afinidades com a especie, deixava de ter direito á vida, deixava de ser corpo e alma, para ser o detricto ruim com que a torrente opprobiosa enxovalhara as margens pelas quaes se alastrara.

Perante a nova philosophia eram vans lamurias de humanitarismo obsoleto, que se lembrasse algum de objectar que a pobre creança que nascera do ultraje, delle não participara para que por elle fosse sacrificada. Nem se lhe falasse, á impiedosa moral que nascia do odio delirante, nos sentimentos que fazem a afflicção e cream a alegria da maternidade, porque era ella que exigia das proprias mães que enterrassem as mãos pelo mais intimo de sua essencia e que assistissem ao nascer, os filhos do invasor. Quasi, quasi, se lhes acenava, por esse acto heroico de covardia patriótica, com a medalha de merito e a consagração historica!

A onda do delirio não se limitou porém ao solo invadido, onde o odio e o desejo da vindicta eram bastantes para a gerar.

Aqui, no recanto afastado de nosso paiz, cujo espirito bisonho se deixa recrutar basbaque, pelo gesto alienigena que com ares civilizados desce dos fios do telegrapho ou salta, a espoear-se de paradoxos, do tourismo vadio das brochuras de alluviação com que a Europa nos submerge, — houve vozes que acompanharam, vozes que aconselharam e justificaram o assassinato das pobres creanças, approved e abençoado pelo Estado.

A nova moral que assim, tão desbarbaçadamente se apresentou, acaba

de sujeitar á apreciação dos povos, o seu segundo e não menos repugnante mandamento, pela voz de sabios e sociologos acatados pelo seu saber.

A guerra tem dizimado milhares e milhares de homens — dizem os pensadores do seculo. E' necessario pensar em substitui-los, quanto antes, para restabelecer o equilibrio da especie. E como, quando escasseia um artigo qualquer de commercio, trata-se logo de abrir novas fabricas que lhe multipliquem a produção, é necessario pensar desde já em fomentar por todos os modos a natalidade, para prover o mercado do artigo humano, preparando mais carne para os canhões da guerra futura!! Como resolver o problema? Dizem-nos os pensadores abjectamente, sem rebuços e sem escrupulos: — Voltando aos costumes das epochas barbaras, admitindo a polygamia sancionada pelo Estado.

Um jornal collocava a questão nestes termos: «se a produção de creanças, depois da guerra, não se tornaria uma coisa tão pouco sentimental e necessaria como a produção dos instrumentos destinados a reviver uma industria!»

E, por supremo escarneio, tomaram lugar, nessa controversia mulheres de sciencia, que lhes applaudiram a indecorosa proposição e houve uma — mistress Churton Braby — que propoz, com a apparente rigidez de seus labios britannicos, que ou se admittissem a polygamia ou se instituissem os «visiting husbands» — ou sejam os maridos ambulantes!

Não se trata pois de um symptoma isolado de loucura, mas de um novo aspecto social, que já se discute desassombadamente, á luz de uma ampla publicidade.

Elle não vingará por certo. Quanto do vendaval tiver passado, a vista de seus escumbrós pela sua enormidade acordará a razão. Os ecos das horripilantes theorias que ora surgem nos farão reconhecer porém, quanto estamos ainda longe do conceito que a humanidade de si mesma formava, antes que o temporal viesse eventrar suas miserias visceraes, derrubando-lhe a virente folhagem de civilisação com que ella se empanpanava, para pôr-lhe á nu as raízes retorcidas e callosas de sua animalidade, que o espirito debalde tenta domar.

Para os homens de hoje, cuja re-

tinha se ensoa, deliciada, nas ondas de sangue, com que a guerra substitue a floração dos jardins e a fructificação por que ela devasta, o delirio se completam mais tarde sobre um berço, junto ao qual se desesperam abnegadamente, para criar uma nova alma, que perpetue numa moldura nova as effigies das tradições que constituem a belleza e a segurança do lar, tudo isso, minhas queridas leitoras, que é ainda hoje o anel e o fim de nossa feminilidade, a guerra tenta varrer, como pieguices lyricas de nervos doentes, que já não nos servem e de que tal não correspondem ao apello da humanidade que a humanidade nutrem, de Amores, que nascem de um surrro, que se alimentam na sombra de uma esperança e de uma tortura, belot, é falbaia superfluo.

que se estariam no noivado branco de duas almas que se não desejam por inteiro e se possuem, que se completam mais tarde sobre um berço, junto ao qual se desesperam abnegadamente, para criar uma nova alma, que perpetue numa moldura nova as effigies das tradições que constituem a belleza e a segurança do lar, tudo isso, minhas queridas leitoras, que é ainda hoje o anel e o fim de nossa feminilidade, a guerra tenta varrer, como pieguices lyricas de nervos doentes, que já não nos servem e de que tal não correspondem ao apello da humanidade que a humanidade nutrem, de Amores, que nascem de um surrro, que se alimentam na sombra de uma esperança e de uma tortura, belot, é falbaia superfluo.

Precisam-se de homens. A unica moral é esta. De homens para as carnificinas de amanhã. O unico intuito é este. Creem-se pois pontos de selecção, postos zootecnicos para uso do rei dos animaes ferozes e ponham-se de lado ideias anachronicas de religião, de lar, de familia, e todo o romantismo que constitue a moral da abundancia.

Como compensação, abram-se escolas ruracs em que se ministrem aos irracionaes as noções de moral que já não nos servem e de que tal não se aproveitem, pelo desejo ardente que seguramente nutrem, de não se egualar commosco...

ANNA RITA MALHEIROS

Aspectos femininos

(—TRADUÇÃO PARA A REVISTA FEMININA—)

Havia deixado meu atelier um tanto fatigado de uma sessão laboriosa. O tempo era doce. Após um dia uniformemente enfiado no crepusculo de cinco horas cahia de um ceu fino, sem nuvens apparentes, sem manchas de azul e ainda sem estrellas. Os jardins molhados exhalavam o cheiro acre da terra humida e pelas avenidas, juncadas das folhas mortas dos castanheiros, passavam os carrinhos de flores, carregados de violetas de Nice, com sua minuscula lanterna piscando na bruma. A cupola dos livalidos derramava no ceu de perola seu oiro, attenuado e empallidido pelo tempo. Boiava uma frizeta vaga no ar e saturado por ella cheguei a casa de Helena. A creada abriu a porta do salão. Como o tapete amortece meus passos percebi Helena antes que ella me visse. As lampadas não estavam ainda acesas. O fogo da chaminé, attenuado pelas cinzas, espalhava um vago luar, que morria em um pequeno raio. Para além da penumbra, onde se afogam os rectangulos azulados das janellas, a senhora Bonchamps estava sentada, a cabeça nas mãos, os cotovellos apoiados sobre uma pequena mesa. Seu semblante nublado, o quebramento desencorajado de sua attitude, deram-me triste presentimento. Pensei que vinha perturbar uma dor ignorada. Sem querer, esbarrei num movel e ao ruido que se succedeu ella estremeceu e levantou a cabeça.

— Sois vós?
— Venho incomodar-vos talvez?
— Um amigo vem sempre a proposito — disse-me ella a estender-me a mão, num gesto affectuoso. Seu tom de voz era sincero. O reflexo avermelhado do fogo accentuou seu semblante magoado, com traços recentes de lagrimas. Era de adivinhar que atravessava uma crise penosa.

— Como está escuro — disse ella, procurando disfarçar seu estado de alma — Vou mandar acender a lampada.

— Estamos bem, assim — disse eu, compreendendo que ella temia que eu lhe adivinhasse a magua. Helena acquiesceu com um gesto e continuou incontinuada para o fogo, pensativa, e tocante com sua attitude vencida. Contei-lhe o que tinha visto naquella tarde, atravez Paris de novembro, Paris morno de Todos os Santos. Falei-lhe do outono, com seu cortejo de agonias e de adeuses e acabamos insensivelmente por falar de nós mesmos, que havíamos visto por certo o declínio e a morte de tantas outras esperanças e affeições. Discutimos o eterno problema do destino e a palavra amor surgiu de nossos labios sem que o tivessemos premeditado. Não me foram precisas confissões em forma, para que me apercebesse das desillusões que

Helena encontrou no casamento. Como muitas mulheres, bastante puras para procurar esse sentimento fora do caminho da honra, ella se consolava de sua desillusão, negando apaixonadamente a existencia do amor, tal como o pintam os poetas e como o sonham as donzellas. Não somente se recusava a crer no amor em outro, como igualmente se declarava incapaz de o comprehender. E deante de uma repriminação, que não me foi possivel reter, ouvi-e exclamar:

— Não quero com isso lastimar-me, pois sou feliz, muito feliz!
Traços ainda humidos de lagrimas brilhavam em suas faces.

— Não ha nenhum sentido occulto no que vos digo — continuou ella — Considero-vos como um bom amigo e além disso sei que sois indulgente.

— Indulgente, é pouco... Eu vos sou inteiramente devotado; mais do que podeis acreditar.

— Obrigada, respondeu-me ella — Ha muito tempo que eu comprehendi a qualidade de vossa dedicação e vossa amizade me é preciosa.

— Temia que ella vos parecesse banal. Tantas affeições, tantas admirações vos cercam! Resignei-me sempre em ter um lugar qualquer, mesmo o ultimo, entre os que uma mesma sympathia reúne ao redor de vós.

— Sois assim tão pouco exigente?
— Pareço-vos audacioso?
— Porque? — disse-me ella a sorrir — Sei que sois digno de minha confiança e vossa franqueza me agrada. Tantas admirações, tantas affeições me cercam... Estaes bem certo disso? Admirações pode ser... Oh! Toda a mulher moça, mais ou menos bonita e não inteiramente tola, reunirá facilmente tal suffragio.

— Acreditaeis então que vossos mais intimos amigos não vos são dedicados?

— Não digo isso... Vós, por exemplo, me sois dedicado.

— Que valem porem nossas pobres dedicações, junto aos grandes sentimentos que negaes? Parece-me ter adivinhado vosso pensamento.

— Não obstante posso ser uma amiga verdadeira e fiel — replicou-me ella — e quero que não me deixeis, sem estar persuadido de minha sinceridade. Devo dizer-vos, antes do mais, que detesto as mulheres coquettes e que sou completamente avessa aos modernissimos manejos de flirt, que me parecem absolutamente immoraes.

— Não sou pois o que se pode chamar uma mulher da época. Os cumprimentos me são desagradaveis e as declarações me offendem como uma injuria. Sou talvez mal organizada e não existo para o amor, como é elle comprehendido em sociedade. E quando eu, me lastimava

do pequeno numero de minhas affeições, não vos lembrastes que não tenho filhos, nem familia, nem pai, nem mãe, nem irmãos e nem mesmo um bebé ao collo!... Sou só, immensamente só!

— E vosso marido?
— E' verdade, tenho meu marido. Sou mesmo muito dedicada a elle. Elle me ama porem a seu modo. Vivemos tão pouco tempo juntos, em cada dia!...

— Tem meu marido por acaso vagares para se occupar de mim? Eu não o censuro pelos seus grandes trabalhos, pelas suas continuas preoccupações politicas.

— Quando estamos juntos, elle é perfeito para mim. Não ides crer por certo que não ame a meu marido?

— Muito pelo contrario.
— Vedes pois que tudo é pelo melhor e repetivos que estou muito contente com minha sorte. Alguns bons amigos, um piano, um bom violino, flores... com pouco está completa minha felicidade. Isso até aos meus oitenta annos!

— E com um ligeiro altear de hombros continuou:
— Ides suppr-me uma provincial romantica, cujos accessos de melancolia provem do enfado da alma que espera, maldisz ou repelle o que se chama "o amor"... O amor! Foram os poetas e os artistas que o inventaram para que a humanidade ganhasse com a esperança, um pouco de paciencia. O amor é o melro branco... Não existe. Vós já amastes, já amastes de amor, como Leandro, como Romeu ou mesmo como Desgrieux!

— Perdão...
— Ah, eu não pretendo que tenhais escapado á illusão eterna. Tivestes, como todos os demais, vossas pequenas crises de sentimento, o que não vos impediu no entanto de comer, de dormir, de esquecer e de achar bellas as mulheres que vos achavam amavel. Si tivesses amado verdadeiramente uma só vez nada ou ninquo vos teria distraihido de vosso amor e não estaríeis aqui, em frente a mim, a filosofar com um ar tranquillo, junto aos fições.

— Tendes razão até certo ponto...
— Devemos subtrahir-nos a esse pretenso dominio do amor — continuou ella — Si elle existisse, tal qual o sonhamos, tal qual o cantamos! Os prazeres da intelligencia, as docuras um pouco graves da amizade, o orgulho de não ser tyranno ou victima e de tudo encarar de frente, sem temor e sem falsa bravura, bastam para encher a existencia. Não peço nem mais nem menos.

— Indubitavelmente sois uma mulher criteriosa e encantadora — disse-lhe levantando-me, a despedir-me — Sou um convertido pelas vossas theorias. Infelizmente, mulheres como vós, são raras.

— Por culpa dos homens! — replicou-me ella a rir. Helena parecia completamente acalmada. A creada tinha accendido as lampadas e vi o lindo semblante de minha amiga um pouco pallido, mas sorridente. Tive certeza que a nossa palestra me tinha auxiliado a fazer um grande passo para o ideal de amizade que tantas vezes tinha supposto impossivel de atingir. Nunca, até então, Helena tinha sahido assim de sua reserva habitual; junto della eu me sentira sempre humilhado e intimidado.

De ora em diante poderia ter para com ella um desembarago quasi fraternal. A penetrar na intimidade moral dessa mulher tão diferente de todas as que eu havia conhecido. A possuir uma pequena parte della, respirar o delicado perfume da ternura feminina, que encanta sem embriagar. Sua belleza mesma, me pertenceria um pouco, durante as horas de descuidada confidencia, na qual seus olhos leriam nos meus a admiração misturada de respeito e a solicitude permitida de uma boa amizade. E percebi então um dos mais encantadores aspectos do coração feminino, que quasi sempre passa despercebido aos olhos dos homens que não olham as mulheres senão como lindas bonecas de encantar. Quanta doçura, quanta suavidade ha numa amizade confiante de mulher que o desejo ou o amor não polluiram!

Paris - Julho - 1916.

Marcello Tynaire

LIVROS NOVOS "A ARVORE"

A nossa brilhante collaboradora D. Julia Lopes de Almeida teve a bondade de enviar-nos um exemplar de seu ultimo livro — A Arvore — escripto de collaboração com seu filho o joven poeta Affonso Lopes de Almeida, que com não menor brilhantismo, vem continuar as tradições litterarias de sua illustre progenitora e de seu pai, Felinto de Almeida, um de nossos mais delicados cantores e um dos membros da Academia Brasileira de Lettras. Familia privilegiada, pais e filho cantam o mesmo metro, deixam-se empulgar pelos mesmos ideaes e, num sonho commum, elevam e dignificam o nosso meio litterario. Que prazer deve ser um lar assim, harmonico, homogeneo, banhado pela luz da mesma phantasia, em que todos têm olhos abertos e extasiados para a nevoa astral, que se eleva junto ao azul infinito!

O novo livro de D. Julia e de Affonso de Almeida é um livro escolar, interessante, bem feito e que todo elle é um hymno á arvore, procurando crear no coração da criança o culto apaixonado da Natureza, não só pelo seu lado esthetico, como tambem pelo seu lado pratico e economico. Nós somos um povo de uma volubilidade quasi nomade, que não tem cultos, nem tradições. Crear na alma das crianças os cultos naturaes que fazem a belleza das raças e que fazem igualmente sua grandeza, fixando-as amorosamente ao solo, é uma das obras de melhor patriotismo. E' o escripto do novo livro de nossa estimada collaboradora, escripto em linguagem singela e elegante, procurando tocar as almas das crianças com a imagem real e precisa. E' pena... Quasi o não queremos dizer, tão formoso é o livro! E' pena que D. Julia tenha adoptado nelle a orthographia fonetica, o que vai ser um empecilho para que elle dê entrada nas nossas escolas. Nenhum de nossos Estados adoptou orthographia phonetica pela Academia de Lettras, de modo que se a ensina nas escolas publicas e nos grupos, é ainda a antiga e a introdução de livros feitos diferentemente, viria estabelecer uma confusão enorme no espirito mal seguro das crianças. E' pena — repetimos — porque "A Arvore" é um livro que iria prestar grandes serviços em nossas escolas.

S. PAULO NA FEDERAÇÃO

Sem nenhum espirito de baifriamo, que achamos sempre prejudicial porque o Brasil é um e unico e todos nós somos antes de tudo brasileiros — mas apenas pelo restabelecimento da verdade, tivemos occasiao de referir-nos, no anno passado, ao discurso do deputado paulista Cincinato Braga, robatendo algumas pouco delicadas e menos patrioticas insinuações feitas por espiritos levins no nosso glorioso Estado, dando a entender que S. Paulo, tem sido pesado á Federação.

Voltamos hoje ao assumpto para transcrever os dados da receita federal de 1915, pelos quaes se vê que S. Paulo longe de ser pesado á Federação, concorre com quasi metade da renda que produz o país inteiro. Não é preciso outra demonstração para provar queo distanciado do não critério, andam os que procuram diminuir o brilho do nosso progresso, com o que se devem orgulhar os outros Estados, pois que S. Paulo não existia senão como uma parte do nosso grande, pujante e amado Brasil!

As rendas federaes, arrecadadas em 1915, attingiram á importancia de 203.344.312\$790.

Essa importancia, feita a conversão em papel da parte do ouro, ao cambio de 12%, está assim descripta:

Anazonas	7.822.815.8016
Pará	16.218.244.8944
Maranhão	2.993.888.8986
Fluyby	3.245.778.498
Ceará	2.297.468.8984
Rio Grande do Norte	584.508.8837
Pernambuco	14.405.432.1232
Pernambuco	13.901.469.8990
Alagoas	3.483.484.8020
Sergipe	2.017.445.098
Bahia	12.987.811.8632
Espirito Santo	889.821.8395
Torto do Rio (inclusive Estado de Rio)	32.658.665.8732
S. Paulo	101.288.119.8300
Paraná	2.879.861.8564
Santa Catharina	2.681.298.8689
Rio Grande do Sul	29.993.874.412
Matto Grosso	1.782.347.8291
Minas Geraes	6.369.516.8401
Goyaz	175.806.015
Recbedoria do Distrito Federal	35.565.666.8502
Delegacia Fiscal em Londres	3.448.478.244
Acre	77.103.840
Total	203.344.312\$790

Por essa estatística se verifica que só S. Paulo concorre para as rendas federaes em 11% com a importancia de 81.288.119\$830 ou cerca de 40% da renda total.

PAGINAÇÃO INCORRETA

A EMPREITADA

A pelas onze. Dia de sol implacável, de intenso calor, propício à preguiça, convidando insistentemente para o abrigo da sombra.

No campo, áquella hora deserto, só se viam passar, em demanda do refúgio de um capão, seriemas esgalgadas ou disparar assustado, aos galões, um galheiro esquivo.

O moço viajante, seguido do camarada preto, ambos montando possantes bestas ferradas escorrendo em suor, esbarrou à porteira da fazenda, gritando o costumeiro apollo:

— O' de casa! — Moço alto, de boa presença era elle; que era mineiro denunciava-o também, ao primeiro lance de olhos do observador, pelo volumoso ponche com fóro de bacta, atado á garupa, botas altas e basto chapeado de prata, apertado um tanto para traz, como em Mato Grosso se diz que usam os boiadeiros filhos do grande Estado vizinho.

Identicos apeiros de montar, postos de modo igual, ainda que mais modestos, trazia o camarada; vestia-se pobremente e calçava, em vez de botas de verniz, botinas brancas de vaqueta, mas queas afeivela grandes esporas campeliras.

— Amarra as bestas á sombra, Manuel, — ordenou o viajante, entregando as rédeas ao preto e destarrelando a porteira, que ingressava ao pateo, depois da necessaria acquiescencia do fazendeiro que, assomado á porta, do alto da escada, pressuroso e risinho convidou que entrassem.

Sob uma antiga figueira, de enorme gahada quasi horizontal, ao pé da cereja do curral maior e em cujos galhos já vivava a "herva de passarinho" vil e danninha, o camarada prendeu os animaes; e, vendo indolentemente estirado sobre as taboas de uma careta desmantelada e inutil, também á sombra da figueira, um camarada da casa, para elle se dirigiu, levantando de sobre os olhos a aba do largo chapéu:

— Bons dias, meu amo...

— Bom dia, amigo — correspondeu o outro, levantando, com evidenciado a mão.

Era um rapaz moreno, accentuadamente acobalado, descaído, sem paletó, cabelo farto e descuidado e com um ar a um tempo de indifferença e petulancia.

O recém-chegado, descansando o corpo em um dos fúculos do arruinado vehiculo, puchou conversa:

— Então? Gozando o seu domingão, não?

— Verdade... E o senhor viajante com este sólio damnado...

— Que fazer, sió? Negro captivo não pôde milho a cortir; mas como é mesmo a sua graça?

— Chico da Luz; seu criado:

mas porém tudo aqui me chama de Chico Cuiabano por causa de minha terra. E o seu nome como é?

— Manuel Joaquim, para servir a vancé; mas ninguém me conhece senão por Manuel Branco.

O rapaz que já bastante reparava a côr do outro, côr que a mais luzente jaboticaba madura invejaria, compreendeu a pessoa com quem tratava e retrucou sorrindo: — Estimo conhecer. Pelo que vejo, o sr. Manuel gosta de brincar...

— Manuel Preto? Ué! Quem lhe contou? Lá isso de brincar gosto mesmo. A gente não brincando morre da mesma maneira...

Lá dentro, na sala de visitas da fazenda, depois de refrigerado e entendido em uma larga réde, o boiadeiro instava com o opulento criador porque chegassem a accôrdo sobre o preço de algumas centenas de bois erados que este possuía na invernoada.

A differença de preços emperrara em cinco mil réis cada cabeça, não se resignando um em diminuir os nem se animando o outro em pagal-os e assim permaneciam obstinados, face a face, deixando e reatando com intermitencias o interessante assumpto.

Já por vezes o fazendeiro convidara o hospede a mandar desarrascar para que alli passasse a sésta, vistos o calor e o adiantado da hora; o moço redarguia, porém, sempre, que ficaria se fizessem negocio, pois, do contrario, lhe não convinha parar por pouco, porque os pastos de terreiro em fazenda velha são sempre maus.

Como o Manuel, conhecedor da estrada, lhe dissera que pouco adiantada havia pasto abundante e boa agua, preferia caminhar mais esse tanto, affrontando o calor. Se desaparecesse porém, a differença dos cinco...

— Nada sió Arruda, contrariava o criador, não cedo. Se o senhor não aproveita vae se arrepender. Olhe que se aperta muito, o seu dinheiro lhe vae escapar pelos vãos dos dedos.

E repisando os mesmos argumentos, que eram rebatidos pelas mesmas sedicas razões, o mineiro levantou-se, deu uns passos a esmo pela sala e encaminhou-se para a porta; parou no limiar e decidiu-se enfim a descer a escada, seguido do fazendeiro que o acompanhou ao terreiro.

Por esse tempo já os dois camaradas haviam entabulado cerrada conversa e entre ambos estabelecera-se franca familiaridade, como se o conhecimento datasse de longo tempo e fosse alicerçado por uma boa amizade.

Enxameiavam na conversa ditos e remoques bregeiros.

A proposito de um apodo do Manuel, o Cuiabano apostrophou-o:

— Deixe de prosa fiada, negro!

— O preto rebatou prompto, com um ademã de desdem:

— Ora! Deixe você, feio! O caboclo, calado por instantes, evocou outro recurso e cantou a meia voz:

"Você me diz que sou feio?"

"Eu não era feio assim!"

"Foi depois que você veio!"

"Que pegou feio "ni mim".

O Manuel, querendo também pancear os seus dotes de velho dançador de sambas e catiraetés, reunindo as recordações das suas saudosas noites de Passos e Ribeirão Preto, cantou já engatilhado em sorriso de triumpho:

"Você me chamou de negro?"

"Eu sou um negro dengoso."

"Pimenta do reino é negra."

"E faz o "cumé" gostoso."

Não chegou a celebrar a victoria que cria segura: sobresaltaram-nos duas gargalhadas gemeas, espontaneas e francas. Eram os dois patrões que, sorridentes, se haviam aproximado da figueira, esgueirados junto á cerca, pelo lado de dentro e ouviam o encetado desafio.

— Muito bem, Manuel! Não o suppunha dessa força, disse o moço mineiro debruçando-se á cerca. Já o rapaz lesto saltara da careta e o preto, perillando-se com um sorriso desconcertado, desculpou-se:

— Ué! Pois vancés estavam ahí!

— Sim, acudiu o fazendeiro, e gostando de ouvir. Pôdem continuar.

A veia poetica, com a surpresa, se lhes entancara, e o camarada mineiro, por dissimular, perguntou o que resolveria o "só Arruda".

— Seguir, Manuel; descer a Serra se for preciso. O "seu Marcondes" está rijo.

— Qual rijo, respondeu este. Por menos, posso garantir-lhe que não encontro bois saleiros. Agora, lá gubirás de barreiros, pôde ser. Aqui o espero de volta; sei que virá disposto a chegar os cinco.

Minutos passados, feitas as despedidas, as ferraduras das bestas levantavam a poeira vermelha da estrada: os viajantes continuavam a viagem, soffrendo a inclemencia do sol. O campo enlanguencia; e, visto á distancia, nos espigões, parecia tremor todo como um doente com accesso de sezões.

O céu abobadava-se muito alto, concavo, sem nuvem passageira que trouxesse uma alternativa de sombra, sem o mínimo refrigerio de brisa.

— Está longe, Manuel?

— Não, não, só Arruda. Vancé vê lá na beira do mato, á esquerda da estrada, aquella mamonal? E' lá: — é a tapêra do Antonio Caboclo.

— Tapêra? Se eu não vejo mais que uns estelos...

— E' certo; mas a gente se acostumou a dizer tapêra. O corgo passou algumas aventuras poeticas.

(Continúa na pagina 33)

Em nossa casa os gancos vêm comer nas minhas mãos



A gancinha por Etienne Carjat

Tive a fortuna de conhecer Carpeaux,

cujo talento magistral eu admirava ha muito tempo, a proposito da reprodução de uma estatueta do príncipe imperial, que não queria confiar senão a mim, embora soubesse que eu era republicano. Tempos depois, tendo lido em um jornal um artigo em que eu dizia de uma das suas admiráveis estatuas, todo o bem que eu pensava, Carpeaux escreveu-me um bilhete muito cortez, convidando-me a passar um dia em sua casa, em Auteuil, rua Miguel Angelo.

Eram passados apenas poucos mezes do seu casamento.

O *homem selvagem*, como o chamavam os seus camaradas da Villa Medicis, em Roma, estava ainda cheio desse mel famoso da lua conjugal, que se eclipsou tão depressa a recundidade de produção que elle havia sonhado.

Naquelle dia elle estava encantador, cheio de bom humor e de espirito. Porque se era tímido em publico, era admirável na intimidade.

Ao descer, a Sra. Carpeaux, que tinha feito as honras da meza com uma graça exquisita e com abandono delicadamente familiar, convidou-me a tomar café no jardim.

O tempo estava soberbo. Os convidados, felizes de verem o grande mestre rejuvenescido e quasi transfigurado, pediram-lhe que fallasse um pouco da sua estadia em Roma, onde, como todos os artistas, devia ter tido algumas aventuras poeticas.

Carpeaux corou, como devia ter corado no dia em que o grande escriptor Rude, *Chant du départ*, pegando-lhe numa crelha, predisse-lhe um grande futuro.

Depois de fazer rogar um pouco, bebeu uma taça de *fine-champagne*, para crear coragem, voltou-se para a mulher, pegou-lhe na mão e disse-lhe sorrindo:

— Ouve, querem que eu conte uma historia da minha mocidade; poderei contal-a desde que não te zangues!

Feita graciosamente a promessa, começou.

II

Eu sempre tive fama de ser selvagem, porque amava a solidão, que me permitia pensar na minha arte e sonhar os trabalhos que pude executar mais tarde; esta má reputação me precedeu até na escola de pintura de Roma, onde só encontrei companheiros ligados para fazerem commigo as troças boças e cruéis que se inflingem aos que se matriculam nos *ateliers* de Paris. Alguns sopapos, alguns sócios bem dados, por um reputeram os gaiaitos no seu devido lugar. Entretanto, eu sentia que uma especie de hostilidade surda contra mim, existia entre os meus companheiros. Abandonava sempre que podia o refeitório commum, preferindo á succulenta co-

mida oferecida pelo Governo, a cosinha modesta de um restaurante de Trastevere. Lá, ao menos, podia comer tranquillamente e admirar os typos so-

visinhos de meza. Comia ás pressas e depois subindo de quatro em quatro os degrãos, ia ter ao pequeno *atelier* de um terceiro andar que eu alugara num quarteirão distante, mas pittoresco.

Em um dos meus dias de indolencia, caminhava machinalmente junto do terraço de um grande jardim, quando parei de repente, como prezo áquelle lugar pela admiração. A sombra de uma soberba rapariga do campero romano, com os braços levantados, carregando uma cesta enorme, detalhava-se na brançura do muro. Quando me voltei, vi junto de mim a soberba creatura. Como eu não fallava e ella percebia minha perturbação, pousou a cesta no chão e offereceu-me gentilmente os figos que ella continha:

— E' artista, não é verdade perguntou-me.

— Sim... E se quizeses posar...

— E' impossivel, respondeu uma velha e pouco agradável matrona, que a acompanhava. Hoje deixamos Roma.

Insisti supplicando com o olhar áquella belleza campestre; cheguei mesmo a offerecer um preço exorbitante a minha bolsa.

A velha que, entretanto, devia ser avarenta, ficou inflexivel. A rapariga, porém, teve pena de mim e vendo que a mãe se afastava, disse-me quasi com gravidade:

— Onde moras? Irei procurar-te depois da vindima.

Tomou nota do meu endereço e estendeu-me a mão, de um desenho admirável, e murmurou em voz baixa: Conta comigo.

Nem tive tempo de agradecer. Desappareceu.

Durante varios dias aquella apparição ideal, foi o tormento dos meus dias e das minhas noites. Trabalhava mal; não pensava senão nella e foi-me preciso uma grande força de vontade para reagir contra o extranho sentimento que se apoderava de mim.

Todavia, quasi já a tinha esquecido, quando uma bella manhã de Setembro, senti que batiam á minha porta.

Ligeiramente admirado porque não recebia ninguém, abri, e, como um temporal, entrou-me em casa a bella Visão.

Ella! Era mesmo ella! O mesmo vestuario, as mesmas attitudes; com a differença, porém, de que, em vez de figos, a sua cesta continha uvas.

— Vês que mantenho a minha palavra.

E depondo a cesta no chão, pegou num lindo cacho dourado e chegando á minha bocca, disse sorrindo: Come-o; colhi de proposito para ti.

E logo depois:

— Gostas?

Eu devia ter o ar de um perfeito idiota porque ella poz-se a rir, descobrindo sob os labios vermelhos dentes adoráveis de creança, cuja belleza não fez senão augmentar o meu embaraço.

— Mas, porque és assim tão tímido? tu um artista!... continuou a rapariga com ar admirado. E' exquisto, mas é melhor assim.

Depois, de repente, pondo as mãos nas cadeiras, alivamente levantada, como para se fazer admirar toda inteira, accessentou com voz quente e vibrante:

— Tu me achas bella?

A minha timidez desapareceu como por encanto; um beijo nas suas mãos, foi a minha resposta.

— Aié que enfim!... Agera conversemos. Senta-te naquelle divan. Como te chamas?

— João Baptista. E tu?

— Gancinha!

— Lindo nome! Quem t'o o deu?

— A gente d'aqui; porque em nossa casa os ganços vêm pousar e comer nas minhas mãos.

E durante uma hora encantou-me com a sua parolice fascinadora, que me invadiu pouco a pouco e me entregou como um velho vinho generoso. O selvagem civilisava-se a olhos vistos e tão rapidamente que um gracioso tapinha applicado á face, chamou-o prosaicamente ao sentimento da sua natureza primitiva.

— Não comprehendo o que pretendes fazer, disse a Gancinha levantando-se com vivacidade; vim aqui para te servir de modelo. Vamos trabalhar.

Embora um pouco humilhado—e não era para menos—colloquei-a

em canto da janella e durante uma hora consegui esquecer a mulher para só pensar no modelo.

Terminada a sessão, ella veiu collocar-se átraz da mim, contemplou por muito tempo o seu busto, esquisado em tres quartos, e depois, terminamente abraçou-me:

— Está lindo! Tu tens talento. Eu te amaria tanto, se tu quizesse.

— Se quero!...

Quiz abraçá-la, mas desta vez repelliu-me suavemente.

— Não, não; mais tarde, quando eu voltar.

— Quando? murmurei com impaciencia.

— Nestes quinze dias. Deves mandar chamar-me; deste-me o teu endereço, aqui está o meu.

E comprehendendo o meu espanto, accessentou:

— Oh! podes escrever-me livremente, em toda a villa só eu sei ler.

Emquanto me abaixava para restituir-lhe a cesta, ella fugiu, gritando-me da porta, que fechara bruscamente.

— Não, não; as uvas são tuas. Enquanto durarem bem podes pensar na tua Gancinha.

Fiquei durante muitos dias, entregue a uma febre extranha. Eu, sempre tão calmo até aquelle dia, esquecia tudo, para só pensar nella. Sonhava com Dante e Beatriz, Laura e Petrarca, Raphael e a Fornarina.

Via na Gancinha a inspiradora dos meus futuros trabalhos. Quanto ao meu delicioso a realizar! Que futuro de amor e de gloria!

O raciocínio implacavel veiu finalmente chamar-me á ordem.

Depois de uma noite de insomnia, durante a qual meditei longamente sobre a penosa situação que resultaria da modicidade dos meus recursos, preocupado, principalmente, por esta arte, á qual havia votado a minha vida e que os cuidados de uma vida duplicar, me constrangiriam um dia a abandonar, não hesitei mais. O egoismo prevaleceu, confesso-o; ou para fallar com mais clareza—o artista venceu o amante.

Afastei-me ainda mais de todos, dedicando-me inteiramente á execução do meu grupo de Ugolino. Trabalhava de manhã á noite, tirando apenas o tempo necessario para comer um pouco.

Todos os dias via o velho Ugolino e os filhos tomarem fórma; eu não vivia senão para elles e por elles. A Gancinha já estava longe da minha memoria e as mulheres não me interessavam, asseguro-lhes...

Assim passaram-se tres mezes, quando uma tarde, um pastor que me esperava na rua, entregou-me uma carta, dizendo-me que estava encarregado de levar a resposta. Senti-me preso de uma emoção nova e não ouso abrir aquella carta, que não sei porque, parecia-me que devia conter uma noticia má.

Não me enganára; a pobre rapariga, em poucas palavras, desolada,

queixava-se tristemente de a ter esquecido; contava-me que a mãe quehria forçá-la a casar, que tinha confessado o seu amor por mim. Então, deram-lhe pancada e agora estava com febre e de cama, bem feliz de estar doente, porque assim podia pensar livremente no dia feliz em que eu a fiz tão linda. Gancinha pedia-me que a fosse ver no domingo seguinte; havia uma grande festa nos arredores e ella ficaria sósinha em casa. «Vem, accessentava a rapariga, parece que a tua presença me dará saude».

Pedi ao pastor que esperasse um pouco. Entrei para o atelier e escrevi umas linhas incoherentes, procurando desculpar-me, fallando do meu grupo de Ugolino, trabalho longamente acariado e de cujo successo dependia o meu futuro; e terminava com estas palavras: «Sabbado o grupo estará terminado e repetido o que me dissesse, no fim do primeiro colloquio, eu te digo agora—conta comigo».

No Domingo fui, de facto, á casa della; Gancinha estava sósinha, a villa estava deserta. Quando ouviu o rumor de meus passos, levantou-se na cama. Não a reconheci; magra, pallida como um espectro, os grandes olhos muito brilhantes de febre.

— Como és bom! Agora sinto que morreréi contente. Tu me sacrificas ao teu Ugolino, não! Mas não te quero mal, não sou eu quem. E' bello, não é verdade, o teu grupo? Parece-me ver ainda o conde Ugolino com os filhos... Dá-me a tua mão; adeus. Sé celebre e feliz.

A cabeça cahiu sobre o travessão; abraçei-a pela ultima vez e chorando como uma creança, sahi daquelle casa.

Os ganços desnoateados andaram de um lado para outro, a procura da Gancinha, que lhes dava de comer nas lindas mãos.

III

Quando Carpeaux acabou a sua narração, grossas lagrimas caíam-lhe dos olhos. Levantamo-nos, espalhando-nos pelo jardim, com o coração opprimido por aquella historia tocante.

Vendo-me mais commovido que os outros, Carpeaux perguntou-me pela mão e disse-me em voz baixa:

— Venha, quero que a conheça. Depois de ter fechado a porta do seu atelier, abriu um largo cofre esculpido; dentro della estava o busto da linda italiana, cujo olhar triste e suave parecia condemná-lo e perdoo-lo por a não ter amado.

E agora que ambos estão mortos, não posso passar mais pelo jardim das Thullerias, sem deter-me por longo tempo, diante do grupo de Ugolino e, ás vezes, me pareço ver, como uma apparição diaphana, a melancolica figura de Gancinha errar em torno daquelle grupo emocionante e soberbo e como que a esperar que a sombra do grande artista venha tambem contemplar a sua obra prima immortal.

A ARTE DE CUMPRIMENTAR

MUITAS damas não sabem quanto melhor não seria para todas ellas se por acaso se mostrassem mais amáveis, mais graciosas e mais polidas, nas relações mundanas. E sobretudo para com os humildes. Não ha nada de mais odioso e de mais feio do que ver nos grandes armazens de modas, nos dias de grande concurrencia, damas com um ar zangado, os labios contrafeitos e acotovelando toda a gente, como as vendeadas do mercado, aos empurrões.

Outras damas acham que é de bom tom affectar um certo ar desdenhoso, deixando cahir entusiasticamente as palavras como se fossem preciosas esmolos a indigentes que as não merecem.

A verdadeira graça, a real distincção é pelo contrario ter boas maneiras, ser simples na conversa e ser polida para com todos.

Nas épocas passadas, quanto mais recuamos na historia das velhas côrtes, a polidez era o principal attributo das damas que se distinguiam.

Conheciamos a alta distincção pelo gracioso cumprimento requintado d'uma dama d'origem aristocratica. Oh, como os simples *bons-dias* de hoje, com uma rapida inclinação de cabeça estão bem distantes da linda curva reverenciosa das nossas avós! Reverencia quando se dirigia a um personagem de marca, meia reverencia quando se tratava d'uma pessoa um pouco mais idosa e leve reverencia e graciosa inclinação de cabeça e de busto entre pessoas da mesma sociedade.

Se as amáveis leitoras me permittem vou aqui transcrever uma das pequenas regras da arte d'agradar e das regras da civilidade que não devemos ignorar. Oh, não as reproduzo aqui com o unico fim de dar uma lição ás leitoras que são todas, cremos bem, damas do melhor mundo. E o que vamos dizer aqui, todas, eu e vós leitor, o sabemos de ha muito. Mas como ás vezes, me tem succedido a mim mesmo, pode-se praticar uma falta sem o saber e é difficil fazer uma observação aquella que a pratica com receio de receber um remoque qualquer, sobretudo quando tratamos com gente pouco educada.

São notas, ao de leve... Podem no entanto indirectamente prestar um grande serviço a muita gente que d'ellas tirarão immediato aproveitamento.

Eis, antes de tudo, sobre o aperto de mão.

A mulher deve ser sempre a primeira a estender a mão. Um homem que pelo contrario fosse o primeiro a dar-nos a mão seria um individuo grosseiro e sem educação.

Falo necessariamente da primeira vez em que nos encontramos em relações mundanas.

Se temos apenas relações d'amizade, seria estúpido observar certas regras de civilidade excessivamente rigorosas. No entretanto uma grande negligencia em materia de correcção é uma grande falta tanto no homem como na mulher.

Quando elogio a polidez d'outrora não é para vos aconselhar, gentilissimas leitoras! tudo o que se fazia n'essa epoca distende. Porque eis o que encontrei n'um manual de civilidade, do seculo XVIII e escripto com toda a seriedade reclamada pelo grande seculo:



«Quando temos necessidade d'esgraver o nariz, devemos voltar as costas, por que seria de mau gosto limpar os buracos do nariz diante de gente estranha.»

E um pouco mais alem, no mesmo manual encontro ainda um outro conselho a que decididamente nós não podemos referir...

Voltemos porem ao assumpto que mais nos interessa.

Muitas vezes, não andamos bem quando occultamos ás meninas e ás damas que de repente se encontram n'um outro meio, a maneira como ellas deverão saudar as pessoas que ali vão encontrar e que são d'uma idade e d'uma situação social differente.

As meninas não devem falar de mais, como se diz vulgarmente. Por exemplo, a mamã, ou um parente, ou uma amiga diz:

— Apresento-lhe a minha filhinha!

A outra pessoa ordinariamente responde.

— Oh que encantadora creança! como é linda!

E não lhe dirige perguntas ociosas á *linda menina* para não a intimidar.

E se por acaso lhe faz varias perguntas serão estas, pouco mais nu menos.

— Gosta de estudar? Muito bem. Continue assim...

E a menina responde:

— Sim, minha senhora.

Ou com ingenuidade.

— Oh não tanto como devia estudar...

Sobretudo se é menina um pouco ousada e que realmente se não applica muito.

Mas repito, são sempre as pessoas grandes e de mais idade que devem falar. E as creanças escutam...

Para as apresentações é a pessoa que nomeamos que é apresentada, primeiramente. Não se apresenta um velho a uma pessoa nova, assim como se não apresenta uma dama a um homem, mas se tratamos d'uma pessoa altamente collocada é a essa pessoa que fazemos a apresentação. E sempre uma apresentação rápida e sem phrases.

Imaginemos que o senhor A. deve apresentar o Sr. B. á senhora C. O senhor A. dirá á senhora C. indicando com a mão.

— Tenho a honra de apresentar a V. Ex. (e segundo a qualidade dos personagens) o senhor B.

A senhora C. inclinará a cabeça com ar gracioso, olhando o senhor B. e o senhor A. designado a senhora C. dirá ao senhor B. (com o mesmo gesto) mas mais respeituosamente: A senhora dona... (o nome da dama). O Sr. B. inclinará a cabeça profundamente, olhando a senhora dona...

Se por acaso se estabelece a conversa, para não ter ar d'uma rápida apresentação de salão, é a dama vendo o homem um pouco intimidado que deve tomar a iniciativa das primeiras palavras. Uma dama intelligente deve sempre arranjar-se de maneira que as visitas se encontrem um pouco á vontade, e não deve por isso falar sempre e constantemente. Ao contrario, deve fazer todo o possível em evidenciar a graça d'esta, o espirito d'outro e em fim dar um ar intimo e de bom tom geral.

A habilidade na arte de receber é saber agrupar as pessoas que se conhecem: unico meio de tornar o seu salão atrahente.

Com os tímidos é necessario achar assumptos para conversação que os excite a falar um pouco. Ou se elles na verdade são excessivamente tímidos é preciso conversar e de maneira que se evite o silencio que tantas vezes causa frieza. A fineza d'espirito consiste em falar a um medico na sua profissão, a um litterato nas suas obras, a um pintor na pintura etc. Do momento que recebemos devemos falar aos nossos convidados do que os interessa e não do que nos interessa a nós apenas.

Sob o pretexto que são bem educadas, não devem as meninas nunca saudar na rua com um pequeno e simples gesto d'abaixar a cabeça. Devem pelo contrario, inclinar o busto um pouco e com ar gracioso e com um pequeno sorriso. Se não é bonito fixar nos olhos as pessoas, tambem não é agradável affectar um certo ar excessivamente serio e carrancudo.

Um rapaz novo não beija a mão d'uma menina que lhe deve estender a mão naturalmente e simplesmente, sem aras como se diz, *derretidos*.

Uma menina que é quasi uma senhora estende a mão naturalmente e o homem deve levar-a a suas labios. Somente as grandes damas elevam as mãos a uma certa altura de maneira a fazer comprehender que dá ao convidado a honra do beija-mão.

Mas tudo isso é uma questão de *nuances* bem difficil de explicar: uma dama tem o instincto das difficuldades.

Pode muito bem succeder que um homem d'espirito, sempre superior á maior parte dos *snobs*, se mostre um pouco embaraçado n'um salão. Supponham um sabio occupado todo o dia em trabalhos absorventes e indo raramente ao que se chama reuniões d'alta sociedade. Ficará um pouco surprehendido quando uma senhora lhe estender a mão d'uma maneira especial. Porque depois de ter grande voga, o beija-mão cahiu no esquecimento, e agora voltou á moda. O sabio ignora esses caprichos da arte d'agradar! Deve por tanto uma dama d'espirito, repito, estender a mão de maneira que a possam levar aos labios ou que simplesmente a apertem, não havendo motivo de reparo, de parte a parte.

Com as querellas politicas e as discussões de familia succede a cada instante que as pessoas que ain-

da hontem estavam unidas se encontrem agora de relações cortadas, e que se não falam nem mesmo se cumprimentam. As pessoas bem educadas que se encontram n'estas condições evitam-se, sem que os outros percebam isso. Seria grosseiro para com a pessoa em casa de quem nos achamos levantar-nos logo que na sala parece o individuo que não queremos mais ver, ou ficar apenas um ou dois minutos. Se na reunião há muita gente, isso ou de passar despercebido, mas se na sala ha tres ou quatro pessoas o caso é diverso. Devemos dizer negligientemente.

— Peço que me desculpem... tenho tantas voltas ainda a dar... devia ter já partido ha muito tempo!

E partimos depois.

Não queremos responder a um cumprimento, não devemos fazer isso com gesto ostensivo, ou não voltar a cabeça brutalmente. Devemos guardar um ar natural e mesmo guardar o sorriso, fazendo acreditar que *não vimos*...

Santo Deus, a vida são dois dias. E é preciso pouparmos mutuamente tudo o que nos possa entristecer e tornar difficil a passagem rapida n'este mundo. As mutuas concessões são excellentes, minhas senhoras! porque contribuem para a paz. E a paz é o inicio de todá a nossa felicidade...

ANNA DE PIENNE



O segredo do talhe na confecção elegante

Em todos os tempos, o segredo do talhe, tornou-se assumpto favorito nas camadas aristocraticas e para as damas da alta elegancia e real destaque, era uma das mais constantes preocupações. Apesar porém dos grandes progressos por que vem evoluindo a moda, tornando-se cada vez em mais completo desacordo com o que dantes era, não deixou contudo de continuar a merecer a predileção do elemento feminino, que inspirado nesse constante evoluir, vem creando e transformando com requintes de gostos aprimorados, os suggestivos e encantadores modelos que de tanta graça, ora revestem á mulher moderna.

Em todos os paizes, cada vez mais cresce o numero de apóstolos da arte, que em academias especies, aperfeiçoam seus conhecimentos e procuram deventurar o difficil segredo do talhe, mais facilmente conseguido pela natural vocação, do que pelo empenho da vontade. Paris, a cidade extra, sob tantos pontos de vista, o é tambem indubitavelmente, onde o talhe é estudado com mais arte, pois sendo o ponto de partida da moda, para todos os cantos do mundo civilizado, encontra-se dotada de grandes ateliers de costura, onde mestras e mestres peritos, amoldam as vocações dos alumnos, aos caprichos variados do gosto.

Paris dicta a moda, e o resto do mundo acompanha, pois os reflexos della, logo espalham-se pelas grandes cidades, onde sempre ha quem os retrate fielmente. S. Paulo, que na America do Sul occupa o terceiro lugar, possui sem duvida uma camada social perfeitamente disciplinada, onde a elegancia é discutida com proficiencia de conhecimentos e a arte de traçar é cultivada competentemente.

Possuimos já em S. Paulo, ateliers de costura, afamados, dirigidos por profissionaes competentes, e sem melindre, aqui destacamos dentre os demais o acatado nome de Mme. Bonilha, que dispensa qualquer elogio, pela superioridade de seus conhecimentos e pelos trabalhos artisticos com que tem cooperado, para a elevação do justo conceito que goza S. Paulo, de possuir uma sociedade chic e que se apresenta rigorosamente bem trajada. Mme. Bonilha tão conhecida em todas as rodas do feminismo elegante, possui a profunda competencia de seu delicado mister, e é o que se pode chamar, na ampla accepção do termo, uma verdadeira mestra na misteriosa arte do talhe, reunindo a tão elevados conhecimentos, a finura de um gosto raro, que só mesmo nos grandes profissionaes se poderia encontrar.

Az pretendermos dissertar, embora ligeiramente, sobre o complicado assumpto, que encina estas linhas, não podíamos deixar de recordar nesta cronica, a pericia reconhecida de Mme. Bonilha, como um nome que honra o nosso meio artistico. v.

A NOBREZA PAULISTA E SEUS BRAZÕES

FAMILIA PEDRO TAQUES

Antonio Rodrigues de Almeida, cavalleiro fidalgo da casa de El-Rei D. João III foi o progenitor, na capitania de S. Vicente, da familia — Almeida — Castanhos — Laras — Taques — Proenças — Moraes e outros, nobilitada a moda portugueza desde a sua origem.

Casado com Maria Castanho tambem natural de Monte-mór o novo de Portugal passaram para a capitania de S. Vicente, trazendo duas filhas, sendo que uma, a Maria Castanho casada em Santos com Antonio Proença, moço da camara do Infante D. Luiz. Desses casal ficaram quatro filhas, dentre ellas Anna de Proença, casada com Pedro Taques, secretario do governador D. Francisco de Souza, que fallecendo em 1614 deixou o filho Lourenço Castanho Taques, casado com Maria de Lara.

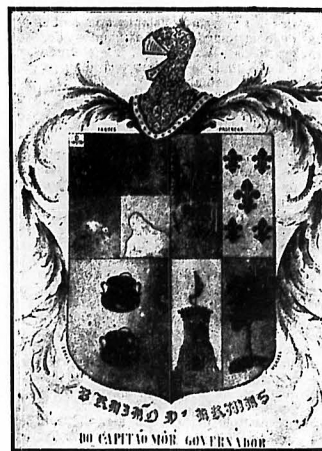
Maria de Lara, filha de D. Diogo de Lara e sua mulher Magdalena Fernandes de Moraes prendem a esta familia os dos Antas Moraes; do facto Magdalena Fernandes de Moraes era filha de Pedro de Moraes de Antas e Leonor Pedrosa, esta filha de Estevão Ribeiro Bayum Parente o Magalhães Fernandes Fojá Magalhães de todos portuguezes. Pedro de Moraes de Antas era descendente em decimoquinto gráo de Azeredo Alvim, senhor villa da villa de Bragança, o qual vivia em tempo d'El-Rei D. João VI de Leão, avô de D. Pedro II. O qual, que primeiro rei de Portugal o casara-se com uma princesa Armeenia.

O ultimo desta familia em relação ao brazão que ha publicado, foi o capitão-mór governador Pedro Taques de S. Paulo, occupou all os principaes cargos. Pelos grandes serviços prestados a coroa, sempre a sua casta e com maior zelo, El-Rei D. Pedro II. o tomou para fidalgo de sua casa, com o foro e moradia do cavalleiro fidalgo, que era o que tinha o seu terras Antonio Rodrigues de Almeida, casado com Angela de Siqueira e falleceu em 1724 em cuja camara foram abertas as armas dos Taques—Laras—Proenças e Moraes, em quatro quartéis dentro de um escudo, na forma que lhe foram illuminadas no brazão, tirado em Lisboa em 4 de Julho de 1707 — e que se acha registada no livro de evidencias da Camara Municipal de S. Paulo, anno 1721 fl. 61, a saber:

Um escudo aquartelado posto no balcão; no primeiro quartel as armas dos Taques; que são: o escudo partido em faxa na primeira em campo de ouro uma agulha Imperial de dous cabos, e sobre ella uma coroa real; a segunda em campo de prata e partido outra vez em palli, na primeira sobre um campo verde um porco azul, e na segunda um panhuello azul; no segundo quartel as armas dos Proenças que são: escudo partido em palli, a primeira de campo verde com uma agulha preta de dous cabos armada de ouro, a segunda em campo azul cinco flores de lis azuis, no terceiro quartel as armas dos Moraes, que são em campo de prata duas caldeiras pretas guarnecidas de ouro lizo bucos e azas postas em palli; no quartel das armas dos Moraes, que são o escudo partido em palli, na primeira em campo sanguino uma torre de prata picada e lavrada de preto, assada junto ao rio de agua com o toldado de ouro e sobre ella uma bandeira de prata, na segunda em campo de prata uma amoreira verde com raizes: elmo alto aberto e guarnecido de ouro, e paqueto dos meteos e cores das armas; timbre a agulha das armas dos Taques, e por differença um trifido de sua filha Leonor de Siqueira Paes casando-se com Bartholomeu Paes de Abreu foram os paes de:

PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME

autor da Nobiliarchia Paulistana, valiosissimo subsidio da historia da capitania de S. Vicente e S. Paulo (Revista do Instituto Histó-



PEDRO TAQUES

rico e Geographico de S. Paulo de 1914, vol. XIX, paginas 230 e 300), que casando-se pela terceira vez com Ignacia Maria da Annunciação deixou desse consorcio quatro filhas e dentro ellas: Catharina Angelica da Purificação Taques, casada com o guarda-mór Manoel Alves Alvim.

Deste casal descendem: Francisca das Chagas Alvim, Pedro Taques de Almeida Alvim, Anna Theodora Alvim, Maria Justina Alves Alvim, Dr. Manoel José Alves Alvim e outros.

Na impossibilidade de reproduzirmos aqui todos os descendentes do illustre historiador Pedro Taques de Almeida Paes Leme damos os seguintes:

Por D. Francisca das Chagas Alvim fallecida em Iguaçu em 1847, tom o major Francisco Pedro do Canto, diplomado pela antiga Escola Normal.

Jonquina do Canto, com as filhas: Izoetina, casada com o dr. L. I. Weiss, sub-director do Telegrapho e Francisca, casada com o dr. A. B. Ferreira de Lemos, medico em Curitiba;

Dr. Sergio do Castro, ex-deputado geral em 1878, sogro do dr. Carlos Villalva;

Col. Antonio Ludgero do Castro, serventurio da Justica na capital, pae da Doutora Eudoxia do Castro;

Pelo Col. Pedro Taques de Almeida Alvim, fallecido em 1839, tomos: o dr. Pedro Taques de Almeida Alvim, jornalista, fogaoso polemista, politico combatente e vulto proeminente da sociedade paulistana, fallecido em 1870 e pae de D. Anna Candida da Silva Taques;

D. Jonquina Taques, casada com o dr. Sebastião Japipi, fallecida em 1837, deixou a filha Eudoxia Taques de Carvalho Cardoso, casada com o dr. Augusto do Siqueira Cardoso, descendente de Baltazar de Moraes Antas, irmão de Pedro de Moraes de Antas que prendeu-se a familia Moraes reforçada e constante deste brazão.

Por Anna Theodora Alvim, fallecida em 1889, descendem a familia Taques Bittencourt desta capital, Guaratinguetá e villa do Piquete.

Por Maria Justina Alves Alvim, fallecida em 1870, descendem: dr. José Manoel de

Arruda Alvim, Maria Elisa de Arruda Alvim e outros.

PRENCAS

Por Izabel Proença (filha de Antonio Proença e Maria Castanho), que casou-se com Francisco Vaz Coelho, portuguez, descendente a familia Anlacia, natural do Porto e de origem hespanhola.

LARAS

Por Diogo de Lara e Moraes, irmão do capitão-mór governador Pedro Taques de Almeida, que casou com Izabel de Godoy, teve Maria de Lara, casada com Soteriano Corrêa, teve Diogo de Lara, casado com Theozena de Jesus, teve Escalantina de Almeida Lara, casada com Francisco Bento do Rego, teve Anna de Almeida Lara, casada com Theotônio Rodrigues Casarosa, teve Antonio Rodrigues de Lara, casado com Maria Juantina de Vasconcellos, que tiveram:

ANTONIO R. DE PROENÇA LARA THEOTONIO R. DE LARA CAMPOS paes do conde e condessa de Lara, residentes nesta capital.

LOURENÇO CASTANHO TAQUES o moço (irmão inteiro do Cap-mór Pedro Taques de Almeida) casado com Maria de Araújo teve Angela de Siqueira, casada com Cap. Manoel Rego Cabral, teve Ursula de Siqueira, casada com Antonio Correia Ordolinho, teve Anna de Araújo, casada com José Ribeiro do Prado, teve José Ribeiro de Araújo, casado com Maria Angelica de Camargo, teve Maria Antonia de Camargo, casada com Com. João Thybiryá Piratininga, antes João Almeida Prado) teve João Thybiryá Piratininga, pae do dr. Jorge Thybiryá.

Rita M'Boy, condessa de Parahyba, casada com... paes de Anna Q. Thybiryá.

MORAES

Por Pedro de Moraes de Antas, descendem os Queiroz Telles.

Por Baltazar de Moraes Antas, irmão de Pedro de Moraes de Antas, descendem: os Frades, Monteiro do Barros, Moraes Barros, Feres de Campos e outros.

Estas notas genealogicas foram tiradas da

GENEALOGIA PAULISTANA

por Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme.

O Brazão colorido encontra-se na

TREE AMERICAN

PHOTO ART Co

7 — Rua Direita — 7

- SÃO PAULO -

HISTRIÕES QUE PASSARAM

Entre um bando de comicos, Guityry, principe da scena, passou ahi com a sua face larga de burguez retrado dos negocios, as proeminencias rotundas do seu ventre dilatado, a sua voz nasalada de quem sofre dum irremediavel catharreira, rebelde ao calorico dos *édredons* e as pastilhas de Geraudel. Fazia-lhe ambiente uma revoada de histriões, peritos na arte de bem dizer, e um cortejo de magas cheias de distincção e de linha, que elevaram a arte de vestir e de pisar a um verdadeiro rito... E, para esses perfis nobres de mulher, refluíram os olhares das nossas burguezinhas timidas e silenciosas, assombradas de tanto garrulice, da pyrotechnica dos paradoxos, do esusiar de sentimentos complexos, das *toilettes* ricas do Worth e do Paquin, vestidas com a semcerimonia e o desembaraço de quem nasceu em berços aureos e se criou nos melhores salões do bairro Saint-Germain.

Contudo, estas amostras de Paris, que de vez em quando nos chegam num paquete da Mala, e que são desentrouxadas na ribalta, ante os olhos espantados da nossa gente, valem por uma lição de costumes, em que a paciencia imitativa e a ardente vontade de saber podem abeberar-se e descedentar-se, em que os rythmos mundanos podem aprender-se de ouvido, como esses recitativos que nos martellam o cerebro e que, inconscientemente, a todo o momento nos affioram aos labios. Certo, a vida real e geral não é — nem mesmo em França — aquella ficticia existencia que se desdobra entre pannos pintados, horizontes amarratados pela travessia dos mares e paradoxos envernissados com o melhor estylo. O theatro moderno, como toda a obra de arte, é a vida posta em litteratura, traduzida em palavras meditadas que ninguem acha para a palestra corrente, uma vida em que os mais vulgares sentimentos são academicamente exprimidos e em que as creadas, que juram a monotonia dos longos dialogos com a indiscreção dos copos de agua ou dos telegrammas que acabam de chegar, dão a impressão de bachareis em letras sahidos de fresco das escolas, com a cabeça cheia de metaphoras e de brillantinas baratas.

Mas, não sendo essa a vida da maioria, é, todavia, a vida das *dites*, a vida dos grandes circulos mundanos, talvez illicita, talvez illusoria, talvez peruil e futil, porem embellezada pela constante preocupação de refinar, de elevar a linguagem até formas litterariamente acculeveis, de converter os mais simples movimentos em gestos artisticos, de estudar minuciosamente o capitulo *toilettes* e chapéus, não com a passiva subserviência ás modas uniformes, mas com o espirito creador que procura a cada corpo o vestuario que melhor lhe convem. Insensivelmente o habito das lei-

turas assíduas, escolhidas com intelligencia, depura a linguagem; a frequencia dos theatros e das grandes solemnidades mundanas ensina a vestir; a travessia constante dos salões de bom tom desterra os modos desagraciosos e acalpirados, dá eloquencia aos tímidos e espirito á mais incuravel mazombice.

E' ao theatro, sobretudo, que as burguezias europeias, em ascensão para os cyclos maravilhosos do alto mundanismo, vão buscar incançavelmente a *maneira*. Os comicos, ainda os sahidos das classes inferiores, ainda os extrahidos dos cochicholos de porteiros para as taboas dos conservatorios, depressa adquirem uma aristocracia de emprestimo, tão sobria e distincta como a outra. A experiencia d'um longo aprendizado, os costumes sociaes que hoje lhes abrem as portas mais severas e os põem em contacto com os ultimos gentishomens e as derradeiras duquezas de sangue autentico, a mysteriosa intuição da psychologia dos personagens que os homens de letras lhes distribuem, ainda elementos que concorrem para o graduar muito acima da mediocridade geral.

Anatole France fala, algures, dum abade de provincia, que aspirações a grande pregador, que assiduamente frequentava a *Comédie*, afim de receber lições de declamação, de aprender a difficil arte de dizer bem, de vincar com moderada energia as phrases de effeito, de articular com doçura e sonoridade os periodos litterarios dum extenso monologo. O bom abade circunscrevia á declamação o objectivo da sua assiduidade no galinheiro promiscuo. Mas o publico, em geral, procura mais do que isso. Não sendo indifferente á arte de se exprimir com elegancia, quer, ao mesmo tempo, que os comicos lhe resolvam o enigma de bem vestir e de bem pisar, o mysterio do desembaraço e da naturalidade, o segredo de dispor das mãos sem fazer notar que a sua existencia é uma coisa imcommoda. Quêr isso e consegue-o. A vida social, graças á actuação dum vontade intelligente, entrou assim nos carnis da distincção e do bom gosto, que tornam tão seductoras as grandes capiteas; e as populações perderam aquelle ar de compromettimento e de receio, que ainda transluz nas phisionomias que se cruzam nas nossas ruas e salões.

Posto isto, de cada vez que um Guityry, um Le Bary ou um Huguenet aportam ao nosso Municipal, com uma kilometrica bagagem de fraques, de casacas estylisadas, de rendas e baptisinas finas, de sedas macias, de cosméticos e de postigos, e nos vêm trazer, na frescura dum dialogo scintillante, os fortes sentimentos e as grandes palavras dum Bernstein e dum Bataille, ou os paradoxos brillhantes e o espirito irisado em multiplas fa-

cesitas dum Capus e dum Lavedan, as multidoes selectas deviam accorrer ahi, como a uma escola de elegancia e de distincção, a refrigerar o que resta em nós de asperiza atavica dos antepassados, que foram rudes batidores de selvas, com a capitosidade que espunha das civilizações definitivamente feitas, em longos seculos de otiosidade, de galanteria e de prazer.

Infelizmente, nós assistimos ao theatro dos mestres como quem assiste a um espectáculo extravagante e singlar, que tivesse por palco um outro planeta. Se logramos entender os sentimentos extranhos que os grandes histriões exteriorisam, não nos deixamos penetrar pelo que vimos e resistimos energeticamente a toda a influencia que por via da ribalta nos possa vir. Voltamos do theatro com a sensação de ter assistido a cousas nelle ha de ficção e de verdade e sem procurar utilisar o que vimos para a nossa educação. E, rapidamente, como se emergisse os allucinados dum sonho oriental o califas, mal sultanos nas compridas historias da infancia, reintegramo-nos na nossa chõchia e mesquinha existencia de espesso prosaismo, sem ideias e sem grandeza, refractarios á reflexão das scenellas que vimos brotar no palco, e que nos deviam ter revelado um mundo novo, um novo modo de ser, de sentir, de viver, mais nobre e mais profundo.

Guityry, num ruído de malas, de europeis e de glorias, foi levar a outras terras a guisalhada dos seus titêres, manequins preciosos, nos quaes a distincção moderna assenta e experimenta as suas ideias, os seus gostos, a sua indumentaria, as suas phrases e as suas emoções. A sua *étalage* comportava variados modelos; o seu repertorio a todos offereceu ensejo para uma revisão conscienciosa das ideias que mobilam os cerebros e das *toilettes* que enchem os guarda-roupas. Estas riquezas parisienses foram exhibidas, a dentro dos nossos muros, em pura perda. Guityry não conseguiu raspar o nosso bolor social nem modificar o cõrte das nossas camisas. Depois de o vermos, tornamos a cair dentro do *robe-de-chambre* espalhafatoso, com que pontificamos no lar domestico, e a continuar a leitura deshumana, que vinhamos fazendo, do ultimo discurso do sr. Maurício de Lacerda. Tudo quanto nos ficou em memoria dessa temporada de arte foi a impressio desastrosa dumas dezenas de mil reis sacrificados a um capricho — o capricho de mostrar que se pode resistir ao somno deante duns comicos que falam um idioma extranho e exprimem sentimentos dumma fina perversidade em ironias imperceptíveis e intraduzíveis.

Gomes dos Santos



S. Paulo é positivamente uma cidade triste sem-saborona. Camillo, se a houvesse conhecido, chamaria-lhe-lha uma cidade relamboria.

Nada mais aqui possuimos de nosso, de verdadeiramente original! Imitamos o estrangeiro em tudo, — (infelizmente imitamos mal!) — e, tudo, como que se move n'uma atmosphera aguilhada de tedio e affectação!

O ideal supremo do paulista é ser chic, ser tomado por um gentleman requintadamente aristocrata; d'ahi o despejar austero dos seus passos, o olhar furibundo com que fecha sempre a carranca.

Olhae-o! vedê-o passar! E a impressão que vos elle dá, apesar do immaculado polimento dos seus sapatos, da bem talhada vestidura que enverga, dos abastados haveres que possui, é a de um homem, no intimo, profundamente infeliz! Porque, estou, — oh! céos! — e, commigo, estão todos, não ha quem, tendo dois dedos de felicidade, por vezes não tenha vontade de rir-se, — e, o paulista, aos seus labios, nunca se lhe percebe assomar o mais tenue dos sorrisos.

A sua metropole, aos poucos, tambem, se foi resentindo d'essa sua severidade! Deliu-se, macerada, a sua caseira poesia! Foram-se as suas festas de araaial: a fragorosa festa da Penha, do Pocinho, de Santa cruz da Tabatinguera! Foi-se o páu de sebo, o porco ensebado, — as suas bandeirolas, o seu foguetorio!... E' hoje S. Paulo uma cidade, onde se não ouve o badalar de um sino!... E infelizmente, ainda assim o será por muitos annos, emquanto se não desenvolver o nosso meio artistico!...

Não fosse Pariz um viveiro de poetas de romancistas, de *rapins*: tivesse-se a grande cidade Luz a alma pequenina de uma grande cidade americana, — e, ha muito, que o pittoresco tradicional, nas suas ruas, teria desaparecido para sempre... Não acordariam mais uma bella manhan, os habitantes dos arredores de Neuilly, de La Villette, do boulevard Rochechouart, da esplanada dos Invalidos, ao *brouaha* ensurdecedor das "*roulottes*", onde, promiscuamente, se abrigam, na sua vida nomade, os saltimbancos, os acrobatas, os titêres, os funambulos, os arlequins...

Em Montmartre, á noute, não ha um dobrar de esquina, onde á luz baça de um candieiro, se não encontrem,

pobremente maltrapilhos, menestreis, aos grupos, lançando esganicadamente a ultima canção do dia. E as "*midinettes*", os operarios em cõra, os acompanham, repetindo-lhes com entusiasmo os estrilhões:

"*Voilà Paris... la vil' de la Folie*
Où l'on s'amuse, où l'on rit de son malheur."

Mas, não é somente em Pariz!... Viajae!... E' pela Europa toda!...

Na Hollanda, na patria nostalgica dos carrilhões, não se passa um quarto d'hora, sem que sinta a gente fugir, musicalmente, a existencia, ao som compassado de um minuete...

Na Italia, então!... quanto sol!... quanta luz!... Nunca mais me esquecerá um domingo da Paschoa, em Milão... Da janella do meu quarto, via eu, ao longe, faiscar o "duomo"; o vento esfufiava nos toldados, e, nos campanarios, gloriosos, bimbalhavam os sinos doidamente...

Viajae!... E' pela Europa toda!... Na Riviera, em Villefranche, Menton, Beaulieu, St Raphael, não reponta no céu um quarto de lua, que se não ouça levantar, dolente, na viração perfumada do mar, uma voz que,



dolentemente, nos vem cantando uma canção saudosa...

Aqui, porem, é tudo o inverso: sobraça medrosamente o serenatista os seus instrumentos, de medo de sentir subitamente, na espinha, o acompanhamento secco de um cete.

Uma noite, con-frangera-se-me o coração, presenciando, um grupo de rapazes, des-lombarem a pauladas um pobre tocador de realejo. Por mais que o desgraçado, voz em grita, de mãos postas os implorava, elles, os malvados, sem piedade, redobravam na sua furia...



E, no entanto, — pensae! — sobre o velho e tremulo tocador de realejo, quantos romances, quantas lindas novellas, já se não escreveram!...

Artistas, amigos meus, — ensinae a fitar, o burguez, com sympathy, o ouvido ao rumor-rejar das ruas! Mostrae-lhe quanta poesia, por vezes, vae n'um remoto badalar de sino, ou então, no fresco e singelo pregão que, por de-baixo das suas janellas, lhe lança o vendilhão que passa...



Réné Thiottler

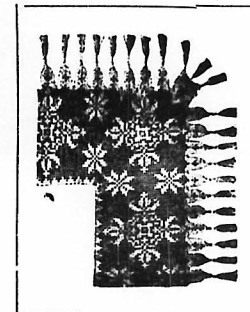
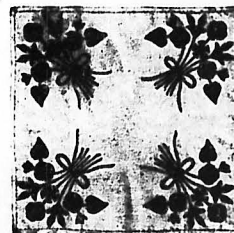
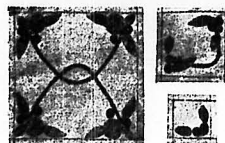
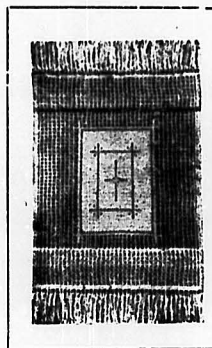
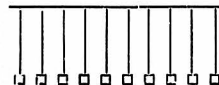
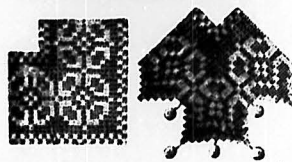
(Villa Fortunata)

DESFOLHANDO UM MALMEQUER



Um grupo de lindas flores paulistas. Desfolha o malmequer a senhorita Evangelina Pereira de Queiroz, filha do Dr. José Augusto de Queiroz, illustre magistrado. Ao centro em pé a senhorita Maria Pereira de Queiroz. Da direita para a esquerda D. Noemia Fernandes, hoje senhora do Dr. Luiz Pereira de Queiroz e as senhoritas Iracema Fernandes, Conceição Couto e Juvenilha Leitão. Quantos sonhos se agitam naquellas petalas de malmequer!...

Como enfeitar minha casa



Apresentamos hoje o que ha de mais moderno para mesas de lunch. Trabalhos com retalhos, entremeados ou ornados de cantoneiras de crochet. Ao centro uma linda almofada em crochet e embaixo um porta-costura, feito com retalhos.

A MODA

ENQUANTO sobre modas, em referência ao meez que acaba de findar, é escrever sobre o Guitry... Na vida morna e quieta da sociedade paulista, a abertura da «estação» do Municipal é o momento culminante da étalage das ultimas toilettes. S. Paulo, como Londres, é uma cidade brumosa e... triste. O teatro Municipal foi admiravelmente localisado, a cavalleiro do valle do Anhangabahu. A nevéa, a neblina densa que, como uma gaze nebulosa de magua, mais intensamente se accentua no grande espaço vasio que divide as duas colinas, sobre as quaes foi construida a cidade, é bem a alma do povo paulista, triste, reconcentrada, bocejante, invadida pelo desalento do esplen... Na bruma densa, as luzes multiplas do Municipal marcam um minuto brilhante, a radiação intensa, mas efemera, de uma alma profundamente melancolica.

É um minuto de ostentação, um momento medievall de clangores e de ruido, um momento de excepção, no silencioso pateo de um castello feudal.

A nossa sociedade elegante vive enclausurada em palacios sumptuosos, dos quaes sae apenas á tarde, em automoveis fechados, para o corso funerarío da Avenida. Ninguem a vé nas ruas, nas praças, nos theatros ligeiros. Quando se abre o Municipal toda ella apparece, num esplendor de toilettes, como um bando de phalenas assustadiças que desperta, em revoada, a uma luz muito viva.

A temporada de Guitry marcou um desses minutos de excepção e a elegancia e o chic que nossa sociedade ostentava no Municipal, chocou-se em flagrante contraste, com a pobreza



TOILETTE EM TULLE BRANCO

Composto de seda cor de rubin, bordado em branco, coberto de tulle branco. A saia em babado debruado com cordão de seda, na frente um bello bordado a seda truxa. Além desta toilette a LA SAISON recebeu para a temporada varias outras toilettes em tulles bordados a maná, escama, pompador, prata etc.; cores verde, azul claro, rosa, branco lilaz, verde mar etc. Presentamos as nossas leitoras que não comparam toilettes para o futuro sem primeiro visitar a LA SAISON

dos e horrendas toilettes, que apenas se harmonisavam com sua dramaticidade inatural — apresentaram-se despidas de qualquer vestigio, mesmo longuico, de elegancia.

Alías, não fosse a boa arte do sr. Guitry e a estação teria sido um desastre, com peças e n f a d o n h a s como o *Cesar Biroteau*, com os dramaticos estylisados do sr. Bernstein e com a perpetração do *Higlon*, pela sexagenaria sra. Starck!

Das oito peças de assignatura apenas agradaram, pela melhor equivalencia do desempenho, o sr. *Perrard*, creação notavel de Guitry, a *Primerose*, que como todas as peças de Fiers e Caillavet, encantam pela sua singeleza e bom humor e a *Mielle*, de Dario Nicodemo, que tem mil imperfeições como trabalho theatrical, mas que todas ellas encobre com o seu dialogo vivo, scintillante e de inconfundivel graça.

Voltemos porém ás toilettes. As saias bonfantes, com volantes armadas aos lados, foram a nota predominante das toilettes que se exhibiram durante a temporada. Entre toilettes magnificas de graça e de originalidade que é impossivel descrever no limitado espaço desta chroniqueta — appareceram algumas toilettes remodeladas, de detestavel effeito. Entre ellas, uma chamounos a attenção. Era uma toilette de renda, já algum tanto castigada. Para renova-la adaptaram á saia alguns refolhos de seda, dando-lhe a allure moderna. Tornou-se assim um conjuncto hybrid e desharmonioso... Surgiram algumas toilettes, poucas, de gaze, com barras de fourrure.

Não somente os manteaux de arminho estiveram em voga, mas de outras pelles menos ca-

Entre as toilettes da sra. Celiat, a sra. Celiat trouxe toilettes. Todas como de outras pelles menos ca- troupe franceza. Das artistas apenas a sra. Starck, de lamentaveis pentea-

Modelos da casa LA SAISON



Vestido para passeio de lã xadrez preto e branco com recortes debruados com tafileta de seda preta. A gola e os volantes das mangas de tulle crème com salpicos brancos

uma que chamou a attenção, era em velludo verde escuro, debruada de pelle. A toilette formava um só corpo, de collete até a altura das espaldas, descendo até quatro dedos acima do tornozello. A sala era feita em panneaux que se mantinham fechados, dando a ideia de uma saia *unie* e que se abriam, ao andar, exhibindo entre os panneaux, tiras de seda azul claro, com pintas brancas, fazenda esta de que era feito igualmente o cinto. Como unico enfeite o debrum de pelles e duas carreiras lateraes de botões escuros, esmaltados. Toilette simples e brilhante.

Qual será a razão por que tantas pessoas acham que uma «toilette» sendo pratica deixa de ser elegante? Elegancia não é sinonimo de extravagancia e nem tão pouco uma toilette por ser simples será forçosamente feia. Hoje todos querem fazer economias e é esse o motivo pelo qual os modelos simples são mais apreciados. Isto porém não é motivo para que se ponha de lado os modelos raros e originaes que têm a seu favor um grande numero de admiradoras.

Para algumas pessoas as modas assentam bem, mas á outras ellas se tornam ridiculas. A cada uma das leitoras compete escolher um modelo que lhe vá bem para não cair no ridiculo. Imaginem as leitoras um vestido de *paniers* que gasta 15 ou 16 metros de seda para que possa ficar bem *drapado*, em uma senhora gorda de elegante seria um pavor! Entretanto esse mesmo vestido em uma moça de tafileta esbelta seria muito *chic*.

Todas as senhoras, seguem a moda, umas com mais exagero, outras com mais moderação; pois todas sabem que não podem eximir-se disso, pois tornar-se-iam ridiculas. Seguindo a moda com critério, pode-se vestir muito elegantemente sem exagero. Este é o grande segredo de toda gante não deve usar outro traje; mas a mulher de gosto e incliativa. Não deve ser elegante e correcto. Está sufficiente estar vestida no rigor da moda, e nem ter muitas «toilettes» *estofos macios*.

As cores mais da moda são: pardo, cinzento, reseda, em meios tons; muito bom gosto, e uma Senhora ele-

deux, o verde, o azul em todas as suas tonalidades, são muito bonitos para vestidos de passeio e visitas. São guarnecidos com franças, soutaches e sobretudo com bolsos.

Os vestidos para tarde têm dous generos diferentes: um, comprehende os vestidos sérios e praticos; outro os vestidos leves, vistosos que podem ser trazidos tambem á noite. E' natural que esses vestidos sejam mais ou menos adornados, conforme a despeza que se quer fazer com elles, e das relações que se tem.

Emquanto que os vestidos da tarde, sérios são de lan, os de mais luxo, são feitos de preferencia em seda ornados de custosas rendas e bordados.

Para toilettes de noite é muito bonito um vestido de *taffeta lamé* com florinhas de ouro, enfeitado com *guipure*.

As blusas continuam em grande moda, sobretudo destinadas á acompanhar o *tailleur*. Fazem-se de estofos transparentes, como tulle, molmól, etamines, sedas transparentes, setim muito leve. Nada mais atrahente que essas criações vaporosas, com golas levantadas, desafiando o collo na abertura do casaco.

As saias continuam curtas e largas e são lindas, com seus bolsinhos, guarnecidos com pequenos lenços de renda, e seus folhos ondulando em baixo, mas exigem por isso calçado muito fino, sendo muito mais elegante os borzeguins em pellica envernizada, atacados de alto a baixo, sem ponteiros, ou então em camuira.

Continúa muito em voga as pelles e as franças de seda para enfeitar todo o genero de tecido. Para as cores escuras usam-se as pelles de tom sombrios como *Skung*, o *opposum* com brilho o *renard silka*. Quando o enfeite é estreito emprega-se a pelle de pelo comprido, procedendo do mesmo modo quando se tratar das golas.

Marinette.

TRABALHOS DE AGULHA

RENDAS DE RENASCENÇA

O desenho. — A renda Renascença é executada em um desenho em panno encerado, ou papel vegetal (papel que os engenheiros empregam para plantas de casas). Este desenho indicará a direcção dos lacets assim como o numero e o lugar das linhas que estão em vis-a-vis.

Para se fazer o modelo riscar-se da seguinte maneira: toma-se um pedaço de papel vegetal, sobre o qual se marcará exatamente com tinta, os contornos do desenho, assim como, as linhas vis-a-vis. Ter-se-a o cuidado de collocar o lado envernizado do papel sobre o modelo e desenhar sobre o avesso, pois a tinta pega mais desse lado.

Para executar a renda precisa-se de lacets e linha. Ha lacets de diversas cores, em linho e algodão.

Não ha agulhas especiaes para executar esta renda, entretanto aconsellamos, as agulhas largas e de combinação com a grossura da linha, deve-se passar em primeiro lugar o fundo da agulha para não separar os fios.

Os lacets serão alinhavados entre as linhas paralellas que formam o desenho; elles são fixados por meio de pontos muito mais longos sobre o direito que sobre o avesso.

Quando as linhas do desenho descrevem curvas, se fixa o lacet inteiramente sobre a linha exterior de maneira que seja ligeiramente franzi-do no lado interior do desenho.

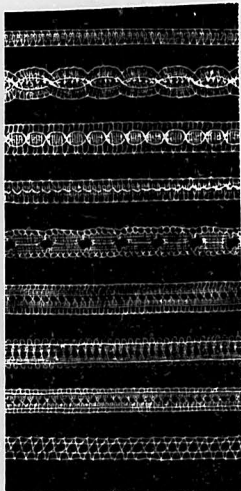
Se o desenho forma angulos se procederá de modo diferente, conforme seja o angulo, mais ou menos aberto. No primeiro

caso dobrará simplesmente o lacet sobre si mesmo. Ao contrario se procederá o lacet sobre a linha exterior do modelo, se fixará por cima do angulo. se remontará sobre o segundo lado, sem voltar o lacet.

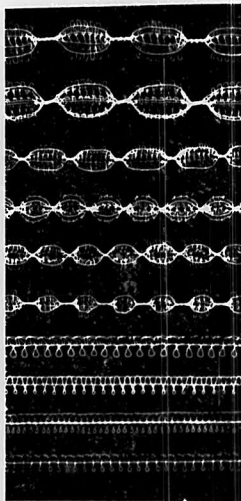
Bridas simples com pontos de cirzir. (Fig. 2.) Para executar este ponto fixa-

se o fio no lacet lançando-o de uma extremidade á outra da brida; se passa a agulha de alto abaixo, e se cirze o primeiro fio, tantas vezes, quantas forem necessarias, para dar a apparencia de cordão. E' preciso dar muitos pontos de cirzir, para que o trabalho, tenha um bonito aspecto.

Bridas ramificadas a pontos de cirzir. (Fig. 3.) De-



(Fig. 1) Amostras de lacets



(Fig. 1 A) Amostras dos lacets

Entre os trabalhos de Senhora um dos que mais está em voga, é a renda Renascença, conhecida tambem, por renda irlandesa ou renda de Luxeuil.

Enquanto que a maior parte das outras rendas, apresentam certas difficuldades, a renda irlandesa, pode ser classificada, como uma das mais facéis, e toda a moça, que tiver um pouco de pratica de trabalhos de agulha, poderá executar lindos objectos, em muito pouco tempo.

Faz-se a renda Renascença com lacets, alinhavado sobre um desenho dado, e reunidos ao centro por meio de bridas e pontos diversos.

Este genero de renda é muito antigo; e tem sua origem no antigo ponto de Venes-



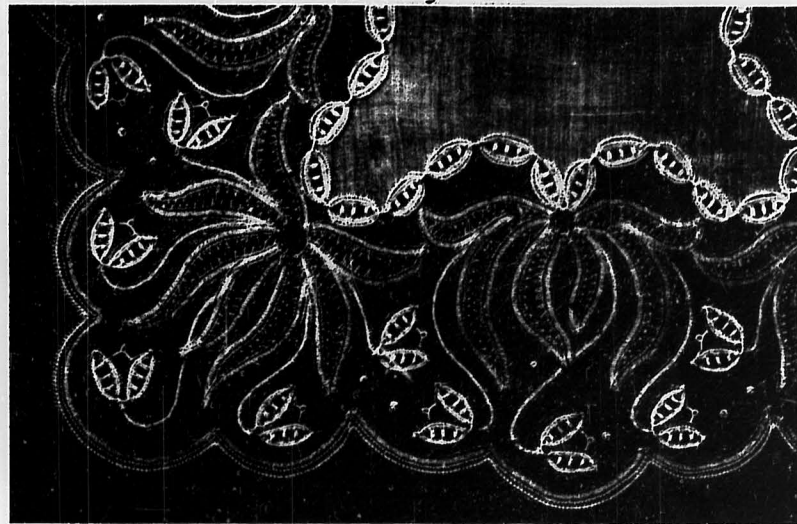
(Fig. 2) Bridas simples feitas a pontos de cirzir



(Fig. 3) Bridas ramificadas a pontos de cirzir



(Fig. 4) Aranhas ou rodas com quatro raios cruzadas a ponto de seguimento simples



Desenho de renda renascença, com lacets de tres qualidades. E' um lindo modelo para lenços, toalhinhas ou fundo de bandeja

pois de ter lançado um fio obliquamente através do espaço vazio, se cirze até o meio como para brida fig. 2, d'alli se estende o fio para o ramo inferior, depois se cirze este, bem com o fio não cirzido, da primeira brida.

Aranhas com quatro raios, cirzidas, a ponto de seguimento simples. (Fig. 4.) Lançam-se os fios em primeiro lugar a esquerda, depois a direita. Voltando, cirze-se o fio estendido, até a metade — ver os desenhos 2 e 4 — depois se estende a esquerda ao canto do alto, volta-se ao meio com alguns pontos de cirzir, e se estende o fio á direita, no canto de baixo, para se cirzir finalmente o raio estendido por ultimo.

Feito isto se volta cinco ou seis vezes o centro de maneira a levantar e saltar sempre as mesmas bridas, depois se cirze ainda o fio estendido em primeiro lugar, e que ficou simples até aqui.

A figura 5, explica gradualmente a maneira de executar as aranhas; a direita vê-se a maneira de estender e cirzir os fios que formam os

raios, ao meio explica a formação da aranha ou roda, e a esquerda se encirze até o meio como para brida fig. 2, contra uma figura terminada.

Damos um desenho em tamanho natural feito com estes pontos que acabamos de ensinar, e com lacets de tres qualidades conforme as amostras. E' um lindo modelo para lenços, toalhinhas, ou fundo de bandeja.

O cliché n.º 5, citado atrás publicaremos no proximo numero.

REMESSAS PELO CORREIO — Attendendo ao pedido de grande numero de leitoras resolvemos enviar ás nossas leitoras do interior, os artigos necessarios para trabalhos de agulha. Todos os pedidos deverão vir acompanhados da respectiva importancia e mais 600 réis para porte. Os artigos que não puderem seguir pelo Correio, serão enviados por estrada de ferro, frete a pagar.

Ricos alburns de modelos. Tamanho grande gravuras nitidas e desenhos comprehensíveis, para trabalhos, a saber: Filet Richellu, — um 48000 — Ponto de cruz, colorido — um 48000 — Bordados sobre etamine — um 48000 a serie de tres 118000. — Bordados sobre etamine coloridos, um 28500. — Filet bordado, um 38000. — Renda de Tenerife ou islandiada, um 38000. — Renda renascença com desenho em panno, um 68000. — Rendas e franjas macramé, um 48500.

Bordados sobre Filet ou labyrinth, um 28500. — Desenhos ponto de talagorça de cruz cubrada, serie labyrinth, modelos grandes, cada um 600 réis. (Temos uma grande variedade.) — Lá para tecido e eschotel, ponto, modelos de 20 grammos, 500 réis. — Linha branca para eschotel em pacotes de 1/2 de kilo, 3000. — Linha para renda irlandesa em aranhas, cada uma 800 réis. — Collyer de lá curvas cores em peças de 20 metros, cada 48000. — Standares para blusas transparentes a par 48000. — Veludo de seda: artigos superiores, azul claro proprio para trabalhos, metro 58000. — peça de uersuado. Cordão de seda, grosso, metro 300 réis, idem um pouco mais fino, 200 réis, papel chinês para desenhos, cada folha 500 réis.

CASA DOLIVAES

(Fundada em 1880)

J. Azevedo & C. proprietarios da casa Dolivães concessionarios das loterias do Estado de S. Paulo e sub-agentes das loterias Federaes continuam a encaregar-se de enviar aos cambistas do interior qualquer remessa de bilhetes destas duas loterias. Tem sempre á venda loterias com grande antecedência e attendem aos pedidos com a maxima promptidão.

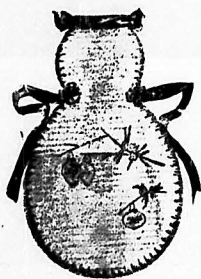
Os pedidos de libra devem ser enviados a

J. AZEVEDO & COMP.

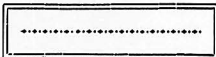
10 — rua D.orella, 10 — Caixa, 26 S. PAULO

TEMPORADA LYRICA A CASA DO THEATRO recebeu grande sortimento de salidas para Theatro, ultimas creações das grandes casas de Paris.

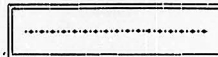
MODELOS DE
AVENTAES
PARA MOÇAS



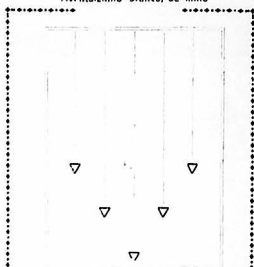
Para um bazar de caridade



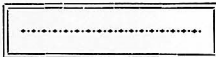
Modelo facil, de uma só peça, em seda musselina



Aventalzinho branco, de linho



Avental de linho para casa



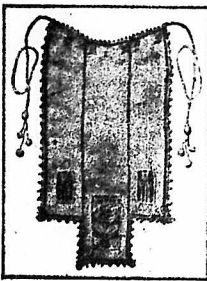
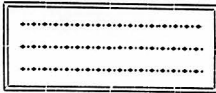
Em seda musselina



Lindo desenho colonial em seda com florinhas



Com bolsinhos e cinto



Novo desenho com palmês e medalhões

AMORES D'ALEM TUMULO

NÃO de maneira nenhuma mande-me o seu sobrinho, meu bom amigo; por maior que seja o prazer que eu possa ter em ver uma pessoa que te toca de perto, prefiro renunciar a elle para salvar a tua e a minha illusão.

«Nunca mais nos vimos, depois do dia em que te separaste de mim para seguir no novo mundo o sr. La Fayette.

«Menos prudente do que elle, que se casou primeiro, pensava em desposar-me á tua volta. São passados doze lustros desde aquelle dia... e estás ainda solteiro.

«Não creias que estas minhas palavras sejam de reprovação. Não tenho direito de fazel-o porque, dando-te o exemplo de infidelidade, pois, um anno depois da tua partida decidí-me desposar aquelle desgraçado marquez que devia depois acabar tão obscuramente na Vanda, enquanto tu fazias a revolução em França, depois de tel-a feito na America, antes de na Europa em seguida ao teu Bonaparte!

«Voltando a tratar das nossas pessoas, eu te direi que ha sessenta annos conservamos intacta a recordação da nossa juventude, e que o espectáculo da nossa decrepitude não tinha nada de attraente.

«Eu te vejo sempre, meu caro Tristão, como no teu retrato que tenho sempre sob os olhos, com a farda que te ia tão bem, com a cintura fina, uma ligeira pennugem no queixo, uma graça perfeita, em summa, um elegantissimo gentilhomem.

«De mim, estou certa, tens de certo, conservado aquella miniatura que te dei, dizendo-te adeus, e em que eu estou vestida de pastora.

«E' assim que imaginas a tua amiga e é assim que a descreves a teu sobrinho. Mas qual! O seu sorriso faria bem de pressa desvanecer o milagre; elle me fallaria da tua cabellreira, contaria as minhas rugas, e ofuscaria o espelho onde nós nos vemos sempre jovens e bellos.

«O anno passado tinhamos pensado em semelhante loucura, fizemos muito bem em renunciar, crê-me

Vossa Di Tremble».

Esta carta estava aberta sobre a secretaria.

«Minha velhissima amiga, tu rejuveneces todos os dias e tua cartá espirotuosa não deixará suppor que somando as nossas idades, possamos ser contemporaneos do grande rei.

«E sobretudo, cara Marqueza, lendo-te, acreditar-se-ia que Mme. de Sévigné não tenha deixado este mundo, mas havia abandonado á Côte para protestar contra a insurreição burguezia do nosso primo de Orleans.

«Tu não queres que Gastão vá depor a teus pés as suas homenagens

e as do tio, que só não realisou o seu bello sonho porque irreverentemente achaste que isso seria uma loucura.

«Porque loucura?

«Acreditas então que eu supporte tão mal os meus oitenta annos? Sou uma ruina, é certo; mas, ha ruinas que tem ainda bastante belleza.

«Não rias da minha pretensão porque a tua fina ironia me offende, sobretudo, vinda de ti.

«Eu em teu lugar juraria que os teus cabellos brancos te vão lindamente.

«Mas não importa, não fallemos mais nisto; tu não te dignas conceder este favor a um velho barbado como eu, nem a um garoto como meu sobrinho e seja feita a tua vontade e se bem que bastante descontente me resigno a de longe beijar-te as mãos.»

Depois, carimbando a carta com um — Tristão de Handret — que revelava a descendencia das cruzadas, o gentilhomem segurou-a, fechou-a e levantou-se da poltrona em que estava sentado.

Cousa singular: aquelle velhinho, longe de uzar cabellreira como lhe tinha observado ironicamente na sua carta a Marqueza, tinha cabellos negros, dentes claros, olhar brilhante, e sob o uniforme elegante, era um bello official que demonstrava pouco mais de 35 annos.

Depois de ter apertado o cinturão, desceu com passo esbelta a escada do palacio da rua Varennes e dirigiu-se ao boulevard.

II

— Então, tu vens dizer-me adeus?

— Não; quando muito até á vista, meu Dom Raul; não estou resolvido a sahir definitivamente da celebre cidade por causa da rainha Brunehaut, uma celebridade um pouco antiga.

— O soldado propõe, meu pobre Gastão, e o ministro dispõe.

— Ainda que eu tenha que ficar em Soison (do que Deus me livre) ou que tenha que ir para a Africa, estarei ausente de Pariz por algum tempo. Sou, por isso, obrigado a to mar as minhas disposições.

— Irás fazer testamento?

— Não; venho simplesmente pedir-te um favor.



«... Cecilia estava sentada junto á uma escrevinha».

— Um? E' muito pouco.
— Sim, mas é um favor tão esquisito!

— Estou ás tuas ordens, falla.
— Lá vae. Eu tenho com uma certa pessoa uma correspondencia que não posso interromper, mas como é preciso que essa pessoa pense que estou sempre em Paris, contei contigo para por no correio as cartas que eu te mandarei da provincia, para que ellas continuem a ter os sellos da capital.

— Aceito, eis ahí um mysterio bem compromettedor para tua reputação de severidade.

— Oh! se tu soubesses de que mulher se trata!

— Desculpa, amigo, mas eu não te perguntei se se trata de uma mulher.
— Mas eu posso cital-a sem inconveniencia; trata-se da Marquiza de Tremble, uma senhora que tem oitenta annos.

— Tu brincas!

— Não, é verdade, caro amigo.
— Mas porque estas precauções?

A boa senhora parece que não está mais sob tutela.

— E' uma historia tocante que fará sorrir a um septicó como tu.

— Obrigado!

— Tu conhecesto o meu tio, o general Hantdrét?

— Certamente, e conservei uma recordação inesquecivel daquela bella figura que jantava a energia do soldado do imperio á distincção do homem de raça.

— Tu sabes quanto elle me estimava; era solteiro e me queria como se fosse seu filho; e eu o venerava como se fosse meu pae.

— Ainda me recordo que esta amizade fazia a admiração de todos.

— Mas por maior que fosse, não occupava inteiramente a vida de meu tio; era mocinho ainda quando se apaixonou pela Marquiza de Tremble. Separados pelos acontecimentos, perderam-se de vista.

« Passaram-se assim trinta annos.

Um dia, durante a guerra de Polonia, meu tio recebeu uma carta da sua amiga. O seu nome era pronunciado por essa senhora como uma recordação querida.

«Ella era viuva, era já avó, mas seu pensamento estava preso ao amigo de infancia e dividia com elle aquella deliciosa emoção que tinha aquecido o seu velho coração. Tudo que ella escrevia a meu tio, num estylo distinctissimo, era de uma lagrima ou de um sorriso, e só, sob a sua tenda nas margens do Vistula, o velho soldado chorava como uma creança, aquella evocação do seu amor juvenil.

« Desde então a correspondencia não se interrompeu mais; o anno passado, quando o meu pobre tio sentiu que ia morrer, disse-me: »

« Eu não quero que a minha pobre amiga saiba da minha molestia nem da minha morte, isto iria fazer-lhe muito mal. Conto contigo, meu filho, para evitar-lhe esta dôr, e conserval-a neste engano. »

« Tu és o confidente de todos os meus pensamentos, a tua letra parece-se muito com a minha, tanto que já tens escripto em meu logar á Marquiza e ella não deu por isso. Quando eu não existir mais, toma o meu lugar, e que isto não termine senão quando a sua alma se for juntar no céu á minha. »

« Cumprí a promessa feita ao meu segundo pae. A senhora de Tremble nunca deu pela substituição, e eis ahí, amigo meu, como eu troco cartas de amor com uma octogenaria. »

— Mas a morte do general fez por força algum barulho!

— A Marquiza vive retirada nas suas terras, não recebe ninguém, não lê mais jornal nenhum e não se comunica com o exterior a não ser pela carta que eu lhe dirijo regularmente. Tudo andou bem até hoje, mas eis que me mandam a Soissons e temendo a negligencia e a estupididade dos meus creados, contei com a tua amizade para servir-me.

— Ao contrario, Gasião, rendo homenagem ao teu amor filial. Acho muito interesse e graça neste romance e a accepto a incumbencia que me confias.

— Obrigado.

— Até a vista; mas toma sentido! Acho-te muito entusiasmado; cuidado... não vás acabar casando com a tua namorada!

E separaram-se rindo.

III

Havia dois mezes que o tenente de Hantdrét estava em Soisson e se aborrecia prodigiosamente. Um dia, voltando da caça, com um amigo, atravessou uma estreita valla aberta entre duas montanhas cobertas de pinheiros gigantescos. O chão afundava debaixo das patas do seu cavallo, e o cheiro da resina se misturava ao acre perfume do bosque.

O joven official admirava a natureza agreste e chegára a uma especie de esplanada, banhada por um regato de agua clara.

Perto surgia o tecto de uma cabana rustica, rodeada de espinheiros; sentada a um tronco de arvore, uma mocinha comia um pedaço de pão preto com mel dourado.

Gastão parou encantado.
A moça tinha os traços finos e delicados, e a cabelleira loura cahia-lhe sobre os hombros; a sua amazônia desenhava uma cintura flexivel e uma graça soberana emanava de toda a sua pessoa.

A poucos passos della, um criado segurava pelas reideas um cavallo.

O tenente, immovel, contemplava o quadro gracioso, quando, de repente, o cavallo empinou; um enxame de abelhas rodeava-o.

A moça levantou os olhos.

— Não se mova, senhor, gritou ella com vivacidade.

Tio Vicente! Tio Vicente!

Um velho appareceu na soleira da cabana.

Quasi no mesmo instante o cavallo, irritado com as picadas das abelhas, deu um pulo inesperado e atirou com o cavalleiro por terra.

IV

— Está certo, doutor, de que não ha perigo?

— Seguro e certo, senhorita: a violencia do tombo causou o desmaio, mas amanhã o ferido poderá levantar-se e reunir-se ao seu regimento.

— Veja bem, Cecilia, que é inutil preoccupar-se com este moço; inutil e inconveniente.

— Desculpe, minha tia, mas a humanidade vem antes da conveniencia.

— De resto, senhora, o estado deste joven, se bem que pouco grave, reclamava um tratamento que elle de maneira nenhuma podia ter na cabana do tio Vicente. A senhorita Cecilia teve toda a razão de fazer-o ir para o seu castello, sendo o mais perto do Fond de Vaux...

— Não importa, não se sabe com quem se trata.

— Um official francez, minha tia, é quanto basta!

— Como quanto basta? Estamos certas de que elle seja um gentil homem?

— Ora, senhora, interrompeu o medico, o bom samaritano não se preocupava muito com a nobreza dos desgraçados que soccorria.

O ferido, apesar do estado de prostração em que estava mergulhado não perdia uma palavra desta conversação e soffria horrivelmente por não poder tomar parte nella, pois, ouvindo tudo não podia fallar nem fazer movimento algum.

Estava deitado num rico leito, num quarto inundado de luz, com tres largas janellas que davam para o campo.

Os personagens que o rodeavam eram um velho rubicundo, o medico, e uma velha senhora, de physiognomia aspera, digna da amenidade que dispensava ao seu hospede, e ainda a bella moça que tinha visto no vallado. Elle sentia uma dôçura enorme em vel-a tomar assim a sua defeza com a sua voz melodiosa.

— Como está pallido! disse a mocinha.

— E' natural, perdeu muito sangue pela ferida que fez na cabeça.

— Eu já disse ao tio Vicente muitas vezes que é preciso destruir a coimeira que se torna perigosa naquelle lugar.

— Tu esqueces minha tia, que o tio Vicente é o mais velho fiel servidor da nossa familia. Elle gosta da vida selvagem que escolheu espontaneamente; porque querer perturbal-o?

— Vamos, vamos, disse o medico, deixemos dormir o nosso doente, se querem que elle saia logo do castello de Tremble.

V

Elle estava no castello de Tremble!

Os pensamentos turbilhonavam na cabeça do official. Estava no Castello de Tremble!

Então aquella senhora bruta e pouco cortez era a veneranda Marquiza que nas suas cartas parecia tão amavel e boa! E Gastão sentia o seu coração apertado por tanta desillusão.

Mas quem seria aquella moça que a chamava de «minha tia» e porque nunca tinha fallado nella em suas cartas?

Gastão passou uma noite agitada e não adormeceu senão pela manhã. Quando acordou, sentiu-se fresco e bem disposto; foi bastante um somno de algumas horas para tornar seus pensamentos risonhos e ver tudo cor de rosa.

Em todo o caso se a Marquiza não respondia ao seu ideal a sobrinha o recompensava de toda a desillusão e da maneira mais brillante possível.

Quando o doutor entrou no quarto encontrou o seu doente impaciente para levantar-se e vestir-se.

— Como está apressado, meu rapaz, gritou o doutor. Não estava com tanta pressa hontem quando para aqui o trouxemos cheio de sangue. Oh! a mocidade, que grande remedio!

— Os cuidados que eu recebi foram de um grande auxilliar, eis porque eu quero agradecer a Marquiza de Tremble e voltar para o meu regimento.

— A Marquiza de Tremble?

— Sem duvida, não estou por acaso no Castello de Tremble?

— Na casa da Marquiza certamente...

— Eu desejo ardentemente apresentar-lhe as minhas homenagens.

— Meu joven amigo, isso será um pouco difficil...

— Porque?

— Porque a Marquiza de Tremble já morreu ha um anno.

— Mas é impossivel; ainda ou dia recebi uma carta sua!

O doutor começou a olhar para o official de uma maneira um pouco inquietada. Na queda, por acaso, o moço não teria fracturado a cabeça?

— Mas então aquella velha senhora?

— E' a senhora de Griu, uma parenta da senhorita Cecilia, e que lhe serve de dama de companhia.

— E a senhorita Cecilia?

— E' a sobrinha da defunta Marquiza.

Gastão sentia uma grande agitação.

— Doutor, eu tenho grande necessidade de fallar com a senhorita de Tremble, o meu nome não lhe é desconhecido, eu sou o conde de Hantdrét, sobrinho do general...

Alguns minutos depois o tenente era introduzido numa sala onde estava Cecilia sentada junto de uma escrivaninha.

— Senhorita, primeiro que tudo agradeço-lhe a sua generosa hospitalidade.

— Sinto-me feliz, senhor, de ter podido exercel-a com um caro amigo da minha pobre avó.

Houve um momento de silencio, durante o qual o moço pareceu um pouco embaraçado.

— O general está sempre gozando da saude? perguntou finalmente Cecilia.

— Meu tio morreu o anno passado, senhorita, respondeu gravemente o senhor de Hantdrét.

— O anno passado? Mas então quem...

— Perdoe, senhora, eu cumpria como a senhora, um sagrado dever, disse o official inclinando-se respeitosamente.

VI

« Meu caro Raul, escrevia depois de tempo o conde de Hantdrét, a tua predição se realisou: eu desposel a minha namorada. Mas fica tranquillo, ella tem os mais bellos olhos do mundo. »

« Aquelles dois nobres corações que se amavam tanto tinham cessado de bater quasi ao mesmo tempo, e preoccupados um com o outro com amorosa solicitude, tinham tornado inutil aquella precaução. »

« Eu substitua a penna do meu tio, e a senhorita de Tremble a da sua avó. Mas herdando dos nossos caros mortos, tambem herdamos a sua teaurra e o seu amor de «alem tumulo» que refoiria no coração de seus filhos. »

Arthur Douillard

EXPEDIENTE

ASSIGNATURA ANNUAL — 74000

As assignaturas podem começar em qualquer mez terminando um anno depois no mez correspondente.

A todas as pessoas que tomarem uma assignatura da REVISTA FEMININA remetteremos como presente O Adalys elegante livrinho de receitas de cozinha e doces ou um fasciculo do «Cyrano de Bergerac» de Edmund Rostand.

Toda Sra. que nos arranjar 10 assignaturas terá uma assignatura gratis.

Avizamos as senhoras assignantes cujas assignaturas terminam neste mez, que devem mandar reformal-as quanto antes evitando assim que seja suspensa a remessa da REVISTA.

Toda a correspondencia destinada á REVISTA FEMININA deve ser dirigida a Da. Virgíllina de Souza Salles, directora da Empresa Feminina Brasileira, Alameda Glette, 87, São Paulo.

A REVISTA FEMININA precisa de bons agentes em todas as localidades do Brasil.

Curiosidades litterarias.— Consta que os livros mais editados do mundo são: «A Cabana do Pae Thomaz» e o «B. Quixote de la Mancha». O que porém bateu verdadeira mente o record das edições foi o «LIVRO DA FORTUNA». Quem quizer possuir um exemplar, gratuitamente, envie este annuncio para a Caixa Postal, 412— S. Paulo juntando um sello de 100 réis para o porte, que o receberá pela volta do correio.

Escola Profissional Feminina

A convite do seu incansavel Director e levadas por uma curiosidade muito natural, visitamos a Escola Profissional Feminina, com sede nesta Capital, e proficiente mente dirigida pelo Sr. José Carneiro da Silva, tendo como auxilliar a Ex.^{ma} Sr.^a D. Joanna de O. Coutinho. Ficamos magnificamente impressionadas com a boa ordem e grande aproveitamento, das alumnas allí matriculadas. Visitamos diversas dependencias do Estabelecimento, notando em todas as secções, o bom andamento dos trabalhos em roupa branca feitos á mão e á machina; grande variedade de trabalhos em bordados, rendas, filets, flores, artes applicadas, chapéus e couceções. Estes trabalhos muito honram as alumnas e principalmente as professoras do Estabelecimento, que com verdadeira dedicação e competencia ministrão taes ensinamentos á suas alumnas.

Muito gratos as amabilidades que recebemos do digno Director e de sua activa e intelligente auxilliar recommendamos as senhoras paulistas que façam uma visita ao Estabelecimento.

O nosso café na America do Norte

Patrocinado pela Sociedade Paulista de Agricultura, realisou-se em 24 do mez proximo passado, as 8 horas da noite, no elegante «Universal Cinema», a exhibição de um «film» sobre o methodo e processo da cultura do café em nosso Paiz, e que vae servir de propaganda do nosso maior producto na America do Norte.

O «film» em questão é um feliz apunhado de varios aspectos da lavoura do café, desde a sua plantação até a colheita e beneficentemente e embarque nos grandes transatlanticos para o estrangeiro, principalmente para os Estados Unidos que é para onde se destina a maior parte da nossa produção.

«Uma viagem ao grande paiz do café» é como se intitula o referido «film», que foi mandado organizar pelo grande industrial americano Sr. Deer que o destina á propaganda do nosso producto nos Estados Unidos.

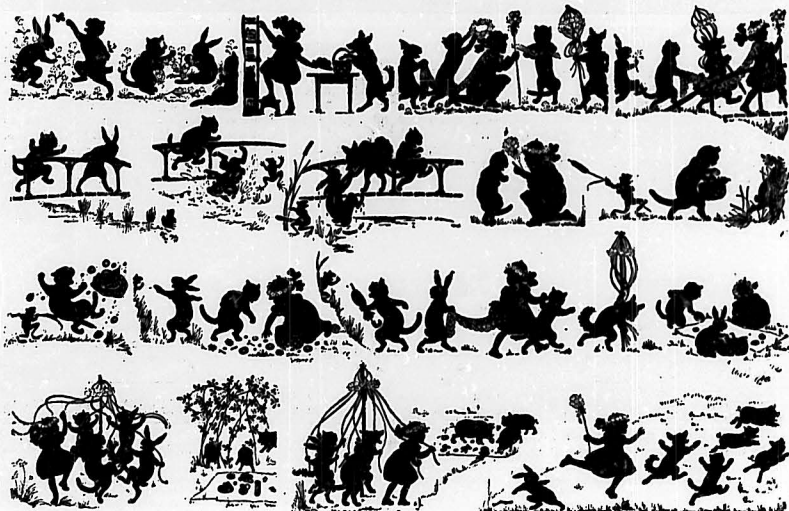
O Dr. Fausto Ferraz, deputado federal por Minas e membro da commissão de Agricultura, Commercio e Industria da Camara, fez uma breve conferencia sobre o assumpto, sendo ao terminar, muito applaudido pela numerosa assistencia.

Estiveram presentes a exhibição do «film» o Sr. presidente do Estado e seus secretários de governo, o Sr. prefeito municipal e representantes da Sociedade Paulista de Agricultura, altas personalidades do commercio e da industria, muitos membros da colonia Norte Americana, etc.

E' merecedora dos maiores elogios a Sociedade Paulista de Agricultura pelos muitos e nobres servicos que vem prestando á vida agricola e economica do Brasil, unica base da nossa prosperidade.

Agradecemos a gentileza do convite que nos enviaram para assistirmos a exhibição do interessante «film».

O PIC-NIC DE LILI (PARA CRIANÇAS)



Era dia de annos de Lili e como ella vivia numa chacara onde não havia outras creanças para festejarem seu anniversario, resolveu offerecer um pic-nic a dois gatos, um cachorro e um coelho, com os quaes sempre brincava. No pic-nic ella queria ser coroada rainha. Preparou tudo que era preciso, uma corôa, um manto, um sceptro, um grande mastro com fitas e uma cesta com doces. Foi logo coroada rainha. Ajoelhou-se, com o sceptro na mão, o coelho a pegar, a cauda do manto, um dos gatos a collocar-lhe a corôa na cabeça e o outro a lêr o livro da corôação, enquanto o cachorro servia de testemunha, com o mastro cheio de fitas na mão. Terminada a cerimonia seguiram para o pic-nic, o coelho atraz de outros com um bouquet de flores para offerecer á rainha. Chegadas no lugar escolhido para a festa um dos gatos e o coelho avistaram uma pequena ponte sobre um rio e foram brincar, de escorregar por cima do corrimão da ponte. Não tardou que o coelho, com sua peraltice caisse n'agua, acordando um sapo que dormia tranquillamente. O gato, em vez de ajudar o coelho, chamou pelo cachorro poz-se a rir e a saltar enquanto o cachorro, puxava o coelho. Muito contente, vendo o coelho fora d'agua, correu a contar a Lili a aventura. Lili, com o dedinho no ar, perguntou-lhe porém zangada, onde estava a cesta de doces, que o tinha emcarregado de trazer e mandou que elle voltasse á casa e trouxesse os doces, a correr. O gato foi e veio num pulo, mas quando chegou perto da ponte, o sapo que queria vingar-se de o terem acordado, alcançou-o, pé ante pé e quando o gato menos esparava deu um grito e espantou-o por traz um junco! Com o susto lá se foi pelos ares o cesto dos doces! O gato sem querer olhar para traz, poz-se a gritar que um soldadinho do cavallo o tinha espetado com uma espada e que elle estava a morrer e que o acudissem e com a mão atraz mostrava o lugar onde o soldadinho o tinha espetado. Lili acudiu-o e juntou os doces. Acudiram todos e quando se puzeram de novo a caminho, o sapo de cima de um junco gritou para o gato, pondo-lhe a lingua: — Oh, seu patife, olhe aqui quem se esqueceu de suas obrigações pelos brinquedos.

Quando uma pessoa se compromette a fazer uma coisa qualquer — como se tinham comprometido o gato e o coelho a guardar a mesa — não deve se esquecer de seu compromisso, pois o homem que não cumpre o que promete não tem palavra, perde a confiança de seus semelhantes e fica quasi sempre sem ter o que comer.

Quando uma pessoa se compromette a fazer uma coisa qualquer — como se tinham comprometido o gato e o coelho a guardar a mesa — não deve se esquecer de seu compromisso, pois o homem que não cumpre o que promete não tem palavra, perde a confiança de seus semelhantes e fica quasi sempre sem ter o que comer.

Quando uma pessoa se compromette a fazer uma coisa qualquer — como se tinham comprometido o gato e o coelho a guardar a mesa — não deve se esquecer de seu compromisso, pois o homem que não cumpre o que promete não tem palavra, perde a confiança de seus semelhantes e fica quasi sempre sem ter o que comer.

O MENU DE MEU MARIDO

Costeletas grelhadas à inglesa (grilled chops)



Tire a gordura das costeletas. Arranje-as com elegancia no prato.

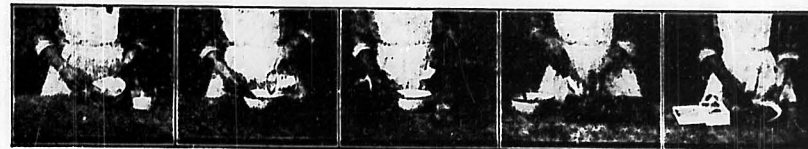
Quando a grelha estiver quente passa sobre ella um pedaço de gordura.

Enxugue a costeleta rapidamente, ao calor da grelha, de um e de outro lado.

Tempo. Assa na grelha durante 5 minutos, e fure-a si o molho estiver escuro, está pronto para servir.

Aperte com a ponta da faca si o molho estiver escuro, está pronto para servir.

Biscottos de coco. (Novidade)



Bata um ovo, clara e gema, até crescer.

Junte-lhe 1/2 xícara de açúcar com 1/2 colher de sopa de manteiga derretida.

Junte 1/8 de xícara de aveia, 1/8 de xícara de coco ralado e uma pitada de sal.

Aromatise com algumas gotas de baunilha; depois com uma colherinha mais aromática, untada com manteiga.

Assa em forno brando durante 20 minutos. Pode ser guardado em caixinhas.

SCIENCIA DOMESTICA



NAS cidades do Interior do Brasil, onde não ha gelo á venda, sentem-se as donas de casa em difficuldade para refrescar as bebidas e para conservar fructos e alimentos de facil deterioração. Vamos procurar auxilia-as com a descripção de uma geladeira simples e economica, tal qual se vê em nossa gravura. Tomese um caixão de tres pés de altura, 12 polegadas de longo e 15 polegadas de fundo (mais ou menos) com uma porta movel. Sobre o caixão colloquem-se 2 tabôas de 1/2 polegada, sobre as quaes se adapta uma bacia quadrada (um recipiente qualquer de lata ou de vidro, em toda a largura de caixa), para se encher de agua. Embaixo da caixa, como se vê na gravura. Colloca-se uma outra vasillia, para receber a agua que escorrer de cima. Cobre-se a caixa com uma flanela grossa, presa por preguiinhos. Fazem-se duas mechas duplas de flanela, para serem collocadas, ao alto e dos lados da caixa, de modo que as pontas fiquem immeras na agua do recipiente superior. Cobre-se igualmente a porta com flanela, com cascado para se fechar nos botões que figuram no lugar em que a porta se ajusta á caixa. Quando a caixa estiver collocada em lugar fresco, onde o ar circule livremente, enchendo-se de agua o recipiente superior, temos uma perfeita geladeira-armario, para conservar e refrescar bebidas e alimentos, que podem ser dispostos numa prateleira interna da caixa, que em seguida se fecha. A agua caminha pelas duas mechas lateraes, indo cahir no recipiente inferior. É um correr muito prolongado, de lenta evaporação, que produz um abaixamento de temperatura no interior da caixa, que será tanto maior si a caixa fór de zinco ou de latão, o que se pôde obter, sem dispendio, com uma lata de kerozene. O recipiente superior pôde ser feito com a tampa de uma lata, que tenha capacidade para conter dois dedos de agua. É uma receita que transcrevemos de uma revista americana e que não experimentamos, mas cuja experiencia custa pouquissimo.

AS VIRTUDES DO METHODO EM NOSSA CASA

(BARONESA STAFFE)

HA muitas mulheres que são muito activas e muito trabalhadoras, mas incapazes de estabelecer ou de manter a ordem em tudo no interior de suas casas.

On não tem, ou não obrigam a ter, prompto o vestuário da família para as necessidades impostas pelas estações ou pelas circunstâncias. As refeições nunca estão preparadas para uma hora certa. Não fazem proceder o tempo a limpeza e a restauração das coisas da casa, ignorando completamente o methodo e a exactidão, o que é um defeito difficilmente compensado pelas suas outras qualidades.

Esta falta de ordem na vida vem a banir do recinto da família a harmonia e o conforto moral e material, tornando a casa pouco agradável ao marido.

A regra auxilia poderosamente a economia... e a felicidade

As pessoas amigas da ordem parece que possuem sempre recursos superiores aquelles de que dispõem. Muitas famílias ricas, em que reina a pontualidade e a organização, vivem, pelo contrario, com difficuldade dos seus proventos ou benefícios, e caminham breve para a ruína.

Para instalarmos em nossa casa a ordem e pontualidade, é necessario combatermos em nós a tendencia para o capricho e corrigirmos o genio, se acaso elle é susceptível de mudar.

As mulheres dotadas e que padecem de uma natureza inconstante nunca decidiram nada: seguem os seus impulsos e as suas conveniencias de momento sem se preocuparem com o que dali resultar.

Muitas pessoas escarnecem muito dos seus semelhantes cujas acções estão todas previstas e que só com difficuldade se deixam desviar da linha de conducta que a si mesmo traziam.

E' certo que não devemos exagerar coisa alguma, nem mesmo a virtude, e que é um erro em certas circumstancias, não saber infligir a regra estabelecida.

Mas, por outro lado, sem pontualidade e sem methodo, tudo é confusão, aborrecimento, desgosto; e ás vezes desastre. Só a harmonia é que faz a belleza e a alegria da vida.

Os astros, essas manifestações sublimes de Deus, não levam a cabo a sua viagem celeste com uma exacti-

ção e segundo um systema que preservam o universo de confusões e de cataclismos horribes?

Na casa em que não haja busso-la a indicar um rumo, nunca se sabe para onde vae. A ordem material e a ordem moral são perturbadas; e a vida encontra-se abandonada ao acaso das circumstancias e da occasião. As pessoas entregam-se a impaciencia, essa febre da alma, de effeitos tão desastrosos sobre a belleza, sobre a saúde e sobre o caracter.

Para evitarmos esse estado de inquietação tão prejudicial a nós e aos outros, precisamos de estabelecer a regularidade nos habitos, no trabalho, nas menores occupações e até nos prazeres.

Então, desconhecemos as fadigas excessivas, que nascem da pressa e da precipitação. Encontraremos tempo para tudo, o que permitirá aproveitarmos todas as tarefas que empreendemos: gozarmos com segurança o repouso ou as distrações que nos concederemos.

Os dias bem regulados são bem empregues, utilmente empregues, na calma e na posse de nós mesmos. Pelo contrario, se o emprego dos-hous for indetermido, estaremos sempre atrapalhados, inquietos, desesperados por não «conseguirmos nada», irritáveis e pouco amáveis.

A mulher, ainda a de melhores qualidades, mas cuja casa não seja bem dirigida, que não saiba distribuir o trabalho pelos outros, que ignore a sciencia da divisão das horas, essa mulher de coração excellente ha de ter movimentos de impaciencia que em seguida lamentará amargamente, mas que nem por isso deixará de trazer a perturbação e o incomodo ao interior da família!

Para ser agradável aos seus e para ser bem servida pelos creados é preciso que a dona de casa seja dotada de uma inalteravel uniformidade de genio, Mas é facil de comprehender que tal serenidade de espirito não se obtém senão numa casa bem disposta e bem ordenada, onde tudo esteja previsto e regulado de antemão, e, isso, seja qual for a situação social: humilde ou elevada.

Uma dona de casa que sabe como ha de empregar o seu dia e como os outros o empregarão, não tem essas maneiras bruscas e atarefadas que se notam, ai de nós! em casa de tantas mulheres que estão á frente cada qual do governo da sua.

Não tem esse ar irritado, esse tom rabujento, essas respostas infelizes que melindram ou fazem soffrer aquelles que vivem juntos de uma mulher consumida pelas suas obrigações... consumida, porque não sabe dispor-se a cumpril-as sem se deixar fatigar nem estafar.

A' noite, antes de se ir á cama, a dona da casa deve ter reguladas no seu espirito (ou notadas numa carteira, se tiver má memoria) todas as occupações do dia seguinte; deve mesmo assegurar alguns instantes para os imprevistos, para estes casos que vêm a tirar da sua engrenagem as rodas da melhor das organizações.

Cumpra que decida até a lista dos pratos nas refeições, para que não perca tempo a perguntar a si ou á sua cosinheira: «Que é que vamos comer ao jantar? Meu Deus isto é insupportavel, não sei o que seria melhor fazer para o almoço!» O que faz que se escolha uma coisa, depois outra, que se repita o prato da vespereira ou que a gente se determine por uma iguaria cara; visto que urgindo o tempo, já não ha vagar para a reflexão.

Ao levantarmos-nos devemos saber como é que empregaremos o dia, fora das occupações quotidianas, para as quaes é indispensavel estabelecer uma ordem inmutavel.

Basta reflectir de vespera, antes de adormecer, nas obrigações e nos trabalhos mais urgentes e que importam a executar ante de todas as outras.

Tal hora será destinada a esta occupação, tal outra aquella obrigação. Os momentos de descanço não devem ser tomados ora nesta, ora naquella parte do dia, segundo o capricho. Não deixaremos o trabalho comprehendido para nos entregarmos a outro menos urgente, mas menos custoso ou menos desagradavel de executar.

Nos primeiros instantes poderemos achar douro cirrino-nos a uma regra e sobretudo a nunca alterarmos... senão em circumstancias extraordinarias ou exceptionaes, que podem mudar a face da vida.

Mas aquellas que tiverem a coragem de perseverar serão bem recompensadas pela paz e pela serenidade que reinarão no interior de sua casa e pelo dominio alcançado sobre seus nervos.

Castellões - Olga - Gioconda e Luiz XV são os melhores cigarros

A INTRIGA

(Comedia em 1 acto, para senhoritas. Adaptação da comedia franceza Jeanne,

feita especialmente para a Revista Feminina

Por ANNA RITA MALHEIROS

PERSONAGENS

D. Filomena (azendeira) . . . 36 annos
Joanna (creada) 18 »
Martinha 45 »
D. Francisca 48 »
Maria 10 »
Paulina 12 »

ACTO I

A ACCÃO PASSA-SE NUMA RUA

SCENA I

JOANNA — Bom dia, minhas meninas. Como vão então?

MARIA — Bom dia, Joanna. Como vai minha tia?

JOANNA — Venham que as quero beijar. Vocês se esquecem da gente. Porque não nos vêm ver?

PAULINA — Sabes bem que titia está brigada com mundo.

JOANNA — Sim, eu sei e sinto muito essa briga na familia.

MARIA — Mamie diz que titia não nos quer bem.

PAULINA — Eu porém não creio. Minha madrinha foi sempre tão boa para nós! Penso no contrario que ella sente não nos poder ver.

JOANNA — Tem razão. D. Filomena é muito boa senhora. Intrigaram-na com sua mãe.

MARIA — Dirias á nossa tia que nós sentimos muito de não podermos ir velar. Principalmente hoje, que é o dia do seu anniversario.

PAULINA — E que eu não esqueço de rezar todos as noites uma Ave-Maria por ella.

JOANNA — Está bem. Eu lhe direi o he de fazer uma promessa para que logo acabe tudo isso. Lá em casa hoje é um dia triste.

MARIA — Se conseguisses fazer as pazes do mamão com titia.

JOANNA — Si dependesse de mim estava uma nos braços da outra.

PAULINA — Mamie, depois que brigou com titia não faz outra coisa senão chorar.

JOANNA — E como vai mamie? Tem tido muita cautura?

MARIA — Estamos sem dinheiro para pagar o aluguel e não tem apparecido serviço. A senhora, D. Francisca, quer nos pôr na rua.

JOANNA — (aparte) Eu tinha adivinhado, a miséria... (alto) E o que pensa fazer sua mãe?

MARIA — Diz que vai para o interior e se empregará e arranjará um emprego para nós.

JOANNA — Isso não é possivel. Eu vou procurar um gelto (olhando para os dois lados). Reparo que vem alguém. Creio que é sua tia. Vão embora. Não quero que ella nos veja juntas. (Tirando duas maças do bolso) Olhem, tomem lá, vão roendo essas maças e esperem-me na porta do mercado. Precisamos conversar.

MARIA — (beijando-a) Adeus, Joanninha (sae).

PAULINA — (beijando-a) Adeus, minha boa Joanninha! (sae).

JOANNA — Depressa... depressa... Não se esqueçam. Na porta do mercado.

JOANNA — Estava em caminho. D. FILOMENA — Dove ter achado divertimento pelo caminho.

JOANNA — Não sei contar, minha senhora. Encontrei de facto alguém que me fez demorar, com uma proslinha. Vou porém a correr.

D. FILOMENA — Vão então que está tudo em casa por fazer. A Felisberta é muito honrada, não serve para mover uma palha.

JOANNA — Anda tudo a matoca em casa, mas podia não andar si em vez de extranhos a senhora tivesse a tomar-lhe conta da casa, uma pessoa da familia. Antigamente não era assim.

D. FILOMENA — Antigamente eu aereidava na estima de pessoas que não me souberam retribuir.

JOANNA — E vive a senhora agora tão sosinha, sem ninguém que a ajude, sem ninguém que se interesse pelos seus negocios...

D. FILOMENA — Que quer você? Este mundo é feito de ingratos.

JOANNA — Ingrato é um nome duro, que se não deve dar a ninguém, sem ter certeza o eu penso que é sempre melhor amar mesmo a um ingrato do que não amar á coisa alguém.

D. FILOMENA — Talvez você tenha razão. JOANNA — O que lhe adiantam sua fazenda, suas colheitas abundantes, suas creanças tão gabandas... A senhora não tem um só parente que a ajude a gozar sua fortuna e a gente neste mundo não pôde andar assim isolada, como um cumulo na sua casa.

D. FILOMENA — E' bem verdade, mas... JOANNA — Ouça, ainda minha senhora, eu sou uma pobre e labuto duro para ganhar minha vida, mas não treco á minha sorte pela sua...

D. FILOMENA — Pela felicidade que eu tenho.

JOANNA — Ao menos eu tenho minha velha mãe pela qual eu trabalho e quando lhe levo o meu ordenado e que ella me abençoa e me agradece eu posso dizer-lhe que sou feliz... (Com os olhos em rivo) Minha mãe milicinha!

D. FILOMENA — Você é uma boa filha. Não é só uma ingrata.

JOANNA — A bengala da velhinha me dá muita felicidade do que se me dessem uma fuzada do tamanho da sua.

D. FILOMENA — Tem razão. JOANNA — Eu si fosse a senhora chamava suas duas sobrinhas para o pé de mim. Eu as educaria, as criaria, lhes prepararia um dote e faria com ellas como se fossem minhas filhas. Sua vida assim teria alguém em quem pensar.

D. FILOMENA — Eu já disse a você que não me faço dessa gente.

JOANNA — Essa gente é sua carne o seu sangue... São filhas de sua irmã.

D. FILOMENA — E' por isso mesmo que não quero ouvir falar nelles.

JOANNA — A senhora me faz favor de dizer, porquê? Que lhe fizem as pequenas? Paulina é tão gentil. Encontrei-a ainda outro dia e ella me disse: — Joanna, diz as maças e esperem-me na porta do mercado. Precisamos conversar.

D. FILOMENA — Ella disse isso?

JOANNA — Como eu lhe estou dizendo e com uma creança.

D. FILOMENA — E sua mãe no entanto fala do mim como de sua peor inimiga.

JOANNA — Quem lhe disse?

D. FILOMENA — Estou farta de sabel-o. Ella não esconde seu odio.

JOANNA — Não acredita, minha senhora, são intrigas. Não faltam intrigantes... D. FILOMENA — Eu tenho certeza.

JOANNA — (vendo Martinha que chega) Ah! vem uma das taes... Si eu lhe pudesse torcer o pescoco, como ás gallinhas... (faz o gesto).

D. FILOMENA — Bom vá ás suas compras. Ah! vem quem me fará companhia, a Martinha.

JOANNA — (aparte) Fresca companhia! (sae).

SCENA IV

D. FILOMENA E MARTINHA

D. FILOMENA — Bom dia, Martinha. MARTINHA — Oh, a senhora por aqui? Bom dia.

D. FILOMENA — Como vai o vigário?

MARTINHA — Muito bem, muito obrigado. Um pouco cansado e resfriado. Resfriou-se hontem, ao sair da novena.

D. FILOMENA — Felizmente que elle tem a você para cuidar e ninguém a excede.

MARTINHA — Eu vejo nelle o ministro do senhoio e sinto-me honrada em servi-lo. Todo o mundo sabe que você é uma alma piedosa e o exemplo da parochia.

MARTINHA — Felicemos antes da senhora. Tem ainda o seu peço?

D. FILOMENA — Depois que me indispuz com minha irmã morreu para mim a alegria.

MARTINHA — E' preciso esquecer-se. Eu lhe emprestarei o Tratado da Paz da Alim.

D. FILOMENA — E' do que eu preciso. Tenho a alma atormentada. Parece-me que tenho muitos remorsos.

MARTINHA — Que coração excellente tem a senhora! Sua irmã correspondeu-lhe tão mal e tão grandes favores. E' preciso perdoar, sem duvida, (abalandando os olhos) ensinam os grandes mestres da Igreja...

D. FILOMENA — Principalmente agora, que ella está na miseria.

MARTINHA — Por culpa propria... D. FILOMENA — Não ha duvida, é ella a culpada. As creanças porém não têm culpa. MARTINHA — São duas filhas? Filhas de serpente, serpentes devem ser... Eu não digo por mal... a religião manda não falar mal... e eu não falo.

D. FILOMENA — Você tem certeza que minha irmã me tinha odio?

MARTINHA — Como? Si tenho certeza! Melhor é impossivel. Ella vos odia de um odio perfeito, como dizem as santas escrituras, e o seu odio se exalta com violencia como diz S. Paulo.

D. FILOMENA — Pareco incrível! Ella era tão amorosa! Como se muda...

MARTINHA — Chegou ao ponto que ella se vai mudar d'aquei semente para não encontrar a senhora... Diz que não a quer ver nem de longe... nem na Igreja... Não ha duvida que é preciso perdoar-lhe, como diz meu confessor, mas...

D. FILOMENA — Ella diz isso? Ella vai mudar-se? E para onde irá ella, sem recursos, com minhas duas sobrinhas?

MARTINHA — Meu Deus! Como a senhoica é fraca! Deixe que ella se arranje. Si ella é infeliz, foi ella quem o quiz. Não da senhora, dizendo que elle havia roubado o marido d'ella.

D. FILOMENA — Oh!.. Nem me fale! E' possivel? Você tem certeza que ella disse isso?

MARTINHA — A mim mesma elle me disse. Eu não devia ter contado á senhora. As Escrituras dizem que não se deve repetir a maldicencia... Eu si contei á senhora foi porque queria ser que a alma do seu marido estivesse penando por causa da divicção...

D. FILOMENA — Não, isso é uma infamia. Meu marido só fez favores áquelles ingratos.

MARTINHA — Eu sei e respeito muito sua memoria. Tinha-lhe muita amizade, como tenho á senhora.

D. FILOMENA — Eu sei. Você é muito nossa amiga e nos tem dado provas.

MARTINHA — E' porque espero que a senhoica tenha confiança em mim.

D. FILOMENA — Minha Você é alguma della.

MARTINHA—E' preciso oferecer á Deus...

D. FLORENA—E si por acaso eu não tivesse razão?

MARTINHA—Então a senhora duvidava de mim?

D. FLORENA—Não! De você, não! MARTINHA—Eu a ouvi dizer...

MARTINHA—(humilde) As rezas de uma pecadora como são muito fracas...

SCENA V

MARTINHA E FRANCISCA

FRANCISCA—(Entrando) Era D. Florença que estava cá?

MARTINHA—Era.

FRANCISCA—Como vai ella com a Irma?

MARTINHA—A ferro e fogo.

FRANCISCA—Não sei porque, mas parece-me que a Irma estimaria fazer as pazes.

MARTINHA—Sem duvida! (com ironia) Ella está sem vontade...

FRANCISCA—Ella me está a dever o aluguel e não o póde pagar.

MARTINHA—E a senhora o que vai fazer?

FRANCISCA—Que remedio tenho ou? Si ella não póde pagar!

MARTINHA—Não me recorde o que dizem os doutores da Igreja sobre a falta de pagamento de aluguel...

FRANCISCA—Eu tenho pena por causa das meninas.

MARTINHA—Isso é com ella... bem, que nós devemos ter pena dos pobres...

FRANCISCA—Si D. Florença quizesse dar uma fiança.

MARTINHA—Não é por falta de conselhos. Ainda agora eu lhe disse, que era um dever de caridade christã...

FRANCISCA—E ella?

MARTINHA—Ella não me quiz ouvir. Diz que lhe reparas até uma gotta d'agua...

FRANCISCA—E aqui entre nós e muito em segredo: D. Florença é avarenta, é assim...

MARTINHA—Isso é com ella... bem, que nós devemos ter pena dos pobres...

FRANCISCA—Si D. Florença quizesse dar uma fiança.

MARTINHA—Não é por falta de conselhos. Ainda agora eu lhe disse, que era um dever de caridade christã...

FRANCISCA—E ella?

MARTINHA—Ella não me quiz ouvir. Diz que lhe reparas até uma gotta d'agua...

FRANCISCA—E aqui entre nós e muito em segredo: D. Florença é avarenta, é assim...

MARTINHA—Isso é com ella... bem, que nós devemos ter pena dos pobres...

FRANCISCA—Si D. Florença quizesse dar uma fiança.

MARTINHA—Não é por falta de conselhos. Ainda agora eu lhe disse, que era um dever de caridade christã...

FRANCISCA—E ella?

MARTINHA—Ella não me quiz ouvir. Diz que lhe reparas até uma gotta d'agua...

FRANCISCA—E aqui entre nós e muito em segredo: D. Florença é avarenta, é assim...

MARTINHA—Isso é com ella... bem, que nós devemos ter pena dos pobres...

FRANCISCA—Si D. Florença quizesse dar uma fiança.

MARTINHA—Não é por falta de conselhos. Ainda agora eu lhe disse, que era um dever de caridade christã...

FRANCISCA—E ella?

MARTINHA—Ella não me quiz ouvir. Diz que lhe reparas até uma gotta d'agua...

FRANCISCA—E aqui entre nós e muito em segredo: D. Florença é avarenta, é assim...

MARTINHA—Isso é com ella... bem, que nós devemos ter pena dos pobres...

FRANCISCA—Si D. Florença quizesse dar uma fiança.

MARTINHA—Não é por falta de conselhos. Ainda agora eu lhe disse, que era um dever de caridade christã...

FRANCISCA—E ella?

MARTINHA—Ella não me quiz ouvir. Diz que lhe reparas até uma gotta d'agua...

FRANCISCA—E aqui entre nós e muito em segredo: D. Florença é avarenta, é assim...

MARTINHA—Isso é com ella... bem, que nós devemos ter pena dos pobres...

FRANCISCA—Si D. Florença quizesse dar uma fiança.

MARTINHA—Não é por falta de conselhos. Ainda agora eu lhe disse, que era um dever de caridade christã...

FRANCISCA—E ella?

MARTINHA—Ella não me quiz ouvir. Diz que lhe reparas até uma gotta d'agua...

FRANCISCA—E aqui entre nós e muito em segredo: D. Florença é avarenta, é assim...

MARTINHA—Isso é com ella... bem, que nós devemos ter pena dos pobres...

FRANCISCA—Si D. Florença quizesse dar uma fiança.

MARTINHA—Não é por falta de conselhos. Ainda agora eu lhe disse, que era um dever de caridade christã...

FRANCISCA—E ella?

MARTINHA—Ella não me quiz ouvir. Diz que lhe reparas até uma gotta d'agua...

FRANCISCA—E aqui entre nós e muito em segredo: D. Florença é avarenta, é assim...

MARTINHA—Isso é com ella... bem, que nós devemos ter pena dos pobres...

FRANCISCA—Si D. Florença quizesse dar uma fiança.

MARTINHA—Não é por falta de conselhos. Ainda agora eu lhe disse, que era um dever de caridade christã...

FRANCISCA—E ella?

MARTINHA—Ella não me quiz ouvir. Diz que lhe reparas até uma gotta d'agua...

FRANCISCA—E aqui entre nós e muito em segredo: D. Florença é avarenta, é assim...

MARTINHA—Isso é com ella... bem, que nós devemos ter pena dos pobres...

FRANCISCA—Si D. Florença quizesse dar uma fiança.

MARTINHA—Um dia Marcella veiu á casa do vigário...

FRANCISCA—Mas isso as escripturas não permitem. Andar escutando o que os outros dizem.

MARTINHA—Eu escondi-me não foi para esconder. E' que ellas podiam querer falar a sós!

FRANCISCA—E o que disse a Marcella?

MARTINHA—Veja a senhora que sempre foi bom que eu me escondesse, sem o que eu não podia agora satisfazer-lhe a curiosidade.

FRANCISCA—Tem razão!

MARTINHA—Marcella disse ao senhor vigário!

FRANCISCA—E o que disse a Marcella?

MARTINHA—Não pôde ouvir o resto.

FRANCISCA—Contou isso a D. Florença?

MARTINHA—Pensei que era meu dever preveni-la.

FRANCISCA—E' natural que ella se tenha irritado.

MARTINHA—E que Marcella esteja pagando? Não se deve desajar mal a ninguém.

FRANCISCA—... é o que dizem as escripturas...

MARTINHA—... mas tambem não se deve luxar tanto e fazer tanta inveja aos outros, como fazia Marcella no tempo do marido. Es-tá pagando...

FRANCISCA—Como nebará tudo isso?

MARTINHA—Marcella vai deixar a cidade. Vai para o interior empregar-se e enganar as filhas.

FRANCISCA—E D. Florença ficará sózinha de vez. Bem necessitada teria ella de uma pessoa que lhe fosse dedicada.

MARTINHA—Ella precisa da companhia de uma pessoa competente, de sociedade agradável e principalmente uma pessoa que saiba dirigir seu espirito para a devoção.

FRANCISCA—Está ali um negocio que me convinha. Eu tambem vivo só, não tenho outro rendimento a não ser aquella casinha. E' magro. Si me quizesse recomendar-me a ella.

MARTINHA—Com muito prazer! (aparte) Espere por isso!

FRANCISCA—Fui governante muito tempo. Tomei conta da casa de um juiz de Paz, duas annos. Vê que seria arranjo para nós duas, para mim para D. Florença. E muito me convinha, contanto que ella me contemplassse no testamento.

MARTINHA—Hei de fazer o logar pelo qual estou trabalhando para mim!

FRANCISCA—Muito obrigada! E quanto antes, sim!

MARTINHA—Sim! Passe bem, D. Francisca. Tenha que ir fazer minhas compras (sae).

SCENA VII

FRANCISCA (só)

FRANCISCA—Não tenho confiança nessa escriptura. Vou eu mesma tratar de arranjar este negocio. (Vae sair e vê D. Florença) Oh! lá vem ella. O ceu me ajuda.

SCENA VIII

FRANCISCA E D. FLORENA

FRANCISCA—Que prazer de vê-la, D. Florença. Está fazendo seu passadinho?

D. FLORENA—Bom dia, D. Francisca. Fui levar uma esmola a um pobre e estou de volta.

FRANCISCA—Que bom coração tem a senhora! Do mundo gaba sua generosidade. A senhora deve estar com muito trabalho.

D. FLORENA—Tenho a Joanna que me ajuda. E' uma boa rapariga.

FRANCISCA—A Joanna é trabalhadora, não ha duvida, mas não é habilitosa. A senhora precisava ter consigo uma pessoa de confiança, intelligente e economica, que lhe dessem conselho, que soubesse dirigir a cozinha.

D. FLORENA—(aparte) Quanto cuidado (alto) eu estou passando com Joanna.

FRANCISCA—Uma pessoa que lhe servisse de companheira.

D. FLORENA—(aparte) Isso tem agua ao buco (alto) Nunca tive ideia de tomar minha dama de companhia.

FRANCISCA—Si a senhora ficar doente estará muito só.

D. FLORENA—(aparte) Que interesse repentino pela minha saúde! (alto) Felizmente tenho boa saúde.

FRANCISCA—Se eu é uma coisa que a gente tem só enquanto não fica doente! Se a senhora me quizesse para sua dama de companhia eu lhe seria muito dedicada.

D. FLORENA—Verdadeiramente sou l'r teresa da minha casa pela minha cozinha, pela minha adeus, muito me penhora, mas como lhe disse não desejo tomar uma dama de companhia.

FRANCISCA—São servicos de amaia que eu lhe proponho.

D. FLORENA—(aparte) Que fúria do ser minha amaia. (alto) Nunca se deve desprozar uma amaia, mas quando são muitas as que se oferecem...

FRANCISCA—Compreendo agora. Talvez Martinha já se tenha offerecido.

D. FLORENA—Martinha mostra-me do facto muita amizade.

FRANCISCA—A senhora acredita nisso? E' uma fingida.

D. FLORENA—Parece-mo, ao contrario, sincera.

FRANCISCA—O que ella me disse ainda lá pouco da senhora!

D. FLORENA—Só podia ter dito bom E' uma santa creatura.

FRANCISCA—Santinha do pau doce. Ella me disse que a senhora era uma avarenta, que era capaz de vender as unhas que corta, que comprava toucinho rancoso, pão amantado e que elle queria para alimentar seus creandos e que ainda assim era tudo pesado e medido.

D. FLORENA—Não é possível!

FRANCISCA—E' uma intrigante, é o que ella é. Foi ella que a indoloz por sua Irma. Não foi ella que me disse que sua Irma andava falando sobre uma divida de seu defuncto marido ao marido de D. Marcella?

D. FLORENA—Foi. E então?

FRANCISCA—Sabia a senhora como ella soube isso?

D. FLORENA—Não.

FRANCISCA—Ella fallou sobre esse assumpto em segredo ao senhor vigário. Disse-lhe que o marido lhe dissera que o senhor Beltrão lhe ficara devendo uma certa somma, mas não queria falar nada á senhora, porque a senhora se podia zangar e ella não queria brigar consigo. A conversa passou-se no jardim e Martinha escondou-se atraz do um arvore para ouvir e foi contar á senhora coisa muito differente. Ah! entã.

D. FLORENA—Não tem isso, que ella me disse! (aparte) Não, meu Deus, como se descobrem as coisas!

D. FLORENA—E' magro, mas não, que ella me disse! (aparte) Não, meu Deus, como se descobrem as coisas!

FRANCISCA—E' magro, mas não, que ella me disse! (aparte) Não, meu Deus, como se descobrem as coisas!

D. FLORENA—E' magro, mas não, que ella me disse! (aparte) Não, meu Deus, como se descobrem as coisas!

FRANCISCA—E' magro, mas não, que ella me disse! (aparte) Não, meu Deus, como se descobrem as coisas!

D. FLORENA—E' magro, mas não, que ella me disse! (aparte) Não, meu Deus, como se descobrem as coisas!

FRANCISCA—E' magro, mas não, que ella me disse! (aparte) Não, meu Deus, como se descobrem as coisas!

D. FLORENA—E' magro, mas não, que ella me disse! (aparte) Não, meu Deus, como se descobrem as coisas!

FRANCISCA—E' magro, mas não, que ella me disse! (aparte) Não, meu Deus, como se descobrem as coisas!

D. FLORENA—E' magro, mas não, que ella me disse! (aparte) Não, meu Deus, como se descobrem as coisas!

FRANCISCA—E' magro, mas não, que ella me disse! (aparte) Não, meu Deus, como se descobrem as coisas!

D. FLORENA—E' magro, mas não, que ella me disse! (aparte) Não, meu Deus, como se descobrem as coisas!

FRANCISCA—E' magro, mas não, que ella me disse! (aparte) Não, meu Deus, como se descobrem as coisas!

D. FLORENA—E' magro, mas não, que ella me disse! (aparte) Não, meu Deus, como se descobrem as coisas!

Fim do artigo «A Empregada»

sa perto; verde sempre tem e a sombra da mamona é boa, dá para a gente estender os pellicos e até passar para uma "miórra".

A pequena marcha pararam no suspirado sitio.

O camarada desarreou, levou as bestas á aguada, passou-lhes as sólidias maneiras dobradas e enfou-lhes ao fochinho os bornaes de lona com a ração de milho que conduzia á garupa. Desceram ao córrego porque o boiaheiro lembrara um banho.

A margem deparou-se-lhe uma cruz toscamente faguejada que se levantava á orla do brço; como que emergindo da macega espessa e alourada.

—Morreria alguem aqui, Manuel? —Morreu. Pois vancé não sabe? Foi uma empreitada que mandaram fazer lá "do Berava".

—E a gente que lidava no curral? —"Cadé gente" só Arruda? E o medo, onde ficou? Tudo esmureceu e ficou de bocca aberta e o homem, num "átimo" foi chegando as cordas no outro, como quem amarrara o patão e tocando elle por diante, a pé.

Quando chegaram aqui já o coileiro e vae matou o patrão para roubar e fugio cá p'ro sertão.

A viuva, depois que abandonou o sentimento, procurou um quebra, homem couro n'gua; deses de dar conta do que pega. Deu os signaes do matador, boa-mula, virado bão e cinco contos de réis pela orelha do cujo. O empreiteiro não perdeu tempo: sahíu de mala e cuia p'ra não fazer "buia". Tomou furo como perdi-gueiro, agarróu a batida e furo chão: "Berrava", Santa Anna do "Pernahiba", Cochim, Campo Grande. O rasto era cada vez mais fresco.

Aqui na Agua-Fria ainda elle pou-sou e já vinha amarrando a perdid. Ah! para diante, não sei se no Tiado-ro ou no velho Lucio, alcançou.

Estavam fazendo uma marcação e o pobre lidava no curral, "de bocó desatado". O capanga foi só rodando da mula e levando a carabina na cara.

—E a gente que lidava no curral? —"Cadé gente" só Arruda? E o medo, onde ficou? Tudo esmureceu e ficou de bocca aberta e o homem, num "átimo" foi chegando as cordas no outro, como quem amarrara o patão e tocando elle por diante, a pé.

Quando chegaram aqui já o coileiro e vae matou o patrão para roubar e fugio cá p'ro sertão.

A viuva, depois que abandonou o sentimento, procurou um quebra, homem couro n'gua; deses de dar conta do que pega. Deu os signaes do matador, boa-mula, virado bão e cinco contos de réis pela orelha do cujo. O empreiteiro não perdeu tempo: sahíu de mala e cuia p'ra não fazer "buia". Tomou furo como perdi-gueiro, agarróu a batida e furo chão: "Berrava", Santa Anna do "Pernahiba", Cochim, Campo Grande. O rasto era cada vez mais fresco.

Aqui na Agua-Fria ainda elle pou-sou e já vinha amarrando a perdid. Ah! para diante, não sei se no Tiado-ro ou no velho Lucio, alcançou.

Estavam fazendo uma marcação e o pobre lidava no curral, "de bocó desatado". O capanga foi só rodando da mula e levando a carabina na cara.

—E a gente que lidava no curral? —"Cadé gente" só Arruda? E o medo, onde ficou? Tudo esmureceu e ficou de bocca aberta e o homem, num "átimo" foi chegando as cordas no outro, como quem amarrara o patão e tocando elle por diante, a pé.

Quando chegaram aqui já o coileiro e vae matou o patrão para roubar e fugio cá p'ro sertão.

A viuva, depois que abandonou o sentimento, procurou um quebra, homem couro n'gua; deses de dar conta do que pega. Deu os signaes do matador, boa-mula, virado bão e cinco contos de réis pela orelha do cujo. O empreiteiro não perdeu tempo: sahíu de mala e cuia p'ra não fazer "buia". Tomou furo como perdi-gueiro, agarróu a batida e furo chão: "Berrava", Santa Anna do "Pernahiba", Cochim, Campo Grande. O rasto era cada vez mais fresco.

Aqui na Agua-Fria ainda elle pou-sou e já vinha amarrando a perdid. Ah! para diante, não sei se no Tiado-ro ou no velho Lucio, alcançou.

Estavam fazendo uma marcação e o pobre lidava no curral, "de bocó desatado". O capanga foi só rodando da mula e levando a carabina na cara.

—E a gente que lidava no curral? —"Cadé gente" só Arruda? E o medo, onde ficou? Tudo esmureceu e ficou de bocca aberta e o homem, num "átimo" foi chegando as cordas no outro, como quem amarrara o patão e tocando elle por diante, a pé.

Quando chegaram aqui já o coileiro e vae matou o patrão para roubar e fugio cá p'ro sertão.

A viuva, depois que abandonou o sentimento, procurou um quebra, homem couro n'gua; deses de dar conta do que pega. Deu os signaes do matador, boa-mula, virado bão e cinco contos de réis pela orelha do cujo. O empreiteiro não perdeu tempo: sahíu de mala e cuia p'ra não fazer "buia". Tomou furo como perdi-gueiro, agarróu a batida e furo chão: "Berrava", Santa Anna do "Pernahiba", Cochim, Campo Grande. O rasto era cada vez mais fresco.

Aqui na Agua-Fria ainda elle pou-sou e já vinha amarrando a perdid. Ah! para diante, não sei se no Tiado-ro ou no velho Lucio, alcançou.

Estavam fazendo uma marcação e o pobre lidava no curral, "de bocó desatado". O capanga foi só rodando da mula e levando a carabina na cara.

—E a gente que lidava no curral? —"Cadé gente" só Arruda? E o medo, onde ficou? Tudo esmureceu e ficou de bocca aberta e o homem, num "átimo" foi chegando as cordas no outro, como quem amarrara o patão e tocando elle por diante, a pé.

Quando chegaram aqui já o coileiro e vae matou o patrão para roubar e fugio cá p'ro sertão.

A viuva, depois que abandonou o sentimento, procurou um quebra, homem couro n'gua; deses de dar conta do que pega. Deu os signaes do matador, boa-mula, virado bão e cinco contos de réis pela orelha do cujo. O empreiteiro não perdeu tempo: sahíu de mala e cuia p'ra não fazer "buia". Tomou furo como perdi-gueiro, agarróu a batida e furo chão: "Berrava", Santa Anna do "Pernahiba", Cochim, Campo Grande. O rasto era cada vez mais fresco.

Aqui na Agua-Fria ainda elle pou-sou e já vinha amarrando a perdid. Ah! para diante, não sei se no Tiado-ro ou no velho Lucio, alcançou.

Quando chegaram na beira do córrego e o infeliz se abixou para beber agua como cachorro, o capanga pulou em cima delle e degolou. Não quiz gastar bala.

Um conhecido meu, só António Priquito, que mora acólá, naquella fazenda do outro lado lá passando aqui um dia depois e vindo dois urubús cangalheiros fazendo roda, pensou que fosse alguma rez morta atolada e desceu para vér se ao menos o couro se aproveitava.

Ah! susto, só Arruda! Encontrou mas foi o corpo, já duro, com a sangueta sécca e o couro da papada repuxado para cima do queixo; os olhos arregalados, cobertos de poeira.

Mosca como nunca se viu. Orelhas, "cadé"? Viajando p'ras Minas: só os buracos dos ouvidos, en-tupidos de ovo de varejeira.

O moço boiaheiro, de pé, estarecido, com os labios apinhados, tinha a respiração curta, ofegante e os olhos immoveis, fixos no rosto do narrador, a expressão manifesta de pasmo e de um horror indizivel...

Serra Amambá. (Matto Grosso). Carlos da Fonseca

O ANALPHABETISMO

Ha dias, pela imprensa do meu Estado, escrevi sobre a Liga Brasileira contra o analphabetismo, e disse que as mulheres brasileiras deviam formar ligas filiadas á primeira, isto é, á que tem sua sede na capital da Republica, contribuindo assim para a extincção do analphabetismo no Brasil.

Nó me entusiasmas, na minha ancia de ver o Brasil impor-se á todas as nações, pela cultura dos seus filhos, eu fui mais adiante, aconselhei ás mulheres do meu paiz, principalmente as que vivem no campo, onde as mais das vezes falta-lhes distracção, — não porque o campo não as tenha mais do que qualquer um outro logar, mas porque ellas não o sabem comprehender na plenitude da sua belleza livre — porque isso, não só havia de distrahi-las, como tambem porque seria nobre e bello.

O ensino tem tantos attractivos! Dedicar a existencia a soccorrer creancinhas, dando-lhes instrução, é tão consolador!

Mas, eu não sei si o meu apello produziu bons resultados, o que sei, é que tendo de escrever, para a "Revista Feminina", resolvi dizer alguma coisa sobre o analphabetismo, principalmente porque esta revista sendo especialmente, para o sexo feminino, e sendo a elle que me dirijo, este assumpto é o que mais me convém.

Leiam, pois, as gentis leitoras da "Revista Feminina" o que abaixo escrevo, meditem e não recusem seu esforço em prol de um dos problemas vitaes da nossa pátria.

Conheço a força de vontade da mulher de quanto é capaz, e sei que quando ella deseja qualquer coisa, rompe impossiveis, sulca barreiras, e vence quasi sempre; e é porque a ella me dirijo.

Moral e intellectualmente o Brasil define.

Falta-lhe a instrução primaria ministrada, com criterio, nas escolas, bem como a educação bem dirigida no seio das familias; falta, em uma palavra, ao seu povo — instrução.

E um povo sem instrução, bondosas leitoras, é um povo indigno de viver ao lado dos demais povos.

Pois bem, nós estamos quasi nesse caso; não vos falo pela voz do pessimismo; todos os dias ao abrirem um periodico encontrareis uma noticia de um roubo aqui, de um desfalque ali, de uma fallencia injustificada a parte; de um escandaloso em toda a parte; e eu penso que isto denota que o caracter do povo brasileiro vai, dia a dia, se degenerando.

Isto é a prova de que ao povo brasileiro falta a instrução, crysol onde seapura o progresso de um povo.

Castro Alves, o mavioso poeta dos escravos, foi um dos mais ardorosos paladinos da abolição da escravidão, e por todos os meios fez ver á mulher principalmente, a necessidade de se extinguir esta horrivel tyrannia.

Pois eu quero, tambem, que sejas, como elle, paladinas da ab

UM ENTRETEN D'AMOUR

Para a Revista Feminina.

LYGIO.

Canario do Imperio é o nome com que o vulgo se habituou a distinguir, não somente essas gentis cantoras importadas realmente d'um imperio — a Alemanha, — mas também esses outros mais gentis ainda, vindos até nós, das suavíssimas paragens do reino da Belgica. E' precisamente a historia de d'esses últimos, que se pretende contar aqui.

Esses sublimes pequenos artistas que lá, na belleza de seu consagrado paiz natal, têm adquirido os excellentes predicados que não raramente vêm nos expôr aqui, com a estupefacção dos profanos em sua arte soberba, e a admiração, dos que os sabem comprehender, são esses pequenos **Canarios do Imperio** que de tão longe têm vindo, para nosso delicto. Mas para seu proprio delicto, os passarinhos também têm sua sociedade organizada, onde também se cultivam bons sentimentos, onde também existem perídos e profanos. E tão admiravelmente organizada parece estar essa sociedade, que o nosso herói, um jovem Canario em bem pouco tempo n'este novel paiz de sangue latino que é o nosso, e em sua estrêta nos domínios de Canipio, tem sua historia cheia de curiosas lances attraheutes.

Recenhegido da civilizada Europa, era o Canario, mais do que nunca, bem aceito e atentamente ouvido, isso que lhe valeu a congregação de boas relações sympathicas.

Dentre outras e em pouco tempo, começou a tomar vulto, a atracção sympathica, a relação amistosa, entre elle e a **Patativa**, esta intelligente e paladrosa brasileira que também traz sua forte dose de educação civilizada.

Mas sabia-se d'aquele **roda social** que o **Gallo de Campina** apesar de sua grosseria de forma e de espirito, havia requestado o alegre coração da sensível Patativa que por fim acabara por achar graça, aquelle amontoado grosseiro e já se comprazia, em confrontar a desproporção, a disparidade de suas conformações physicas.

Corria então tudo admiravelmente, quando a obra imprevista do acaso, não só n'afastou tristemente o **Gallo de Campina**, como airon, na mesma arena, o despreocupado Canario.

Então iniciadas as relações amistosas do novo par, não foi lento o seu desenvolver. E tudo marchava no sabor de quasi todos. A partir d'ahi, toda gente conhece os phenomenos mais ou menos semelhantes que vão surgindo n'essa especie de relações; começam os caracteres a se penetrar e se conhecerem mutuamente.

O Canario que até então tinha acumulado vantajosos conhecimentos por observações dos **casos** alheios, começa agora a aprender por experiencia propria. E de investigação em investigação, veio al-

fim comprehenderem que lh'o contassem, toda a historia do **Gallo de Campina**, então afastado por uma influencia extranha.

Foi isso durante longo tempo, o assumpto frequente de palestras quotidianas. Isso porque, o Canario estrilado nos seus velhos habitos de logicas reflexões ponderadas, procurava a todo transe, investigar a influencia do outro ao mesmo tempo que, queria se certificar d'esta sua preocupação mais grave se não estava representando aquelle papel que elle na sua predilecta linguagem appellidava um *entretien d'amour*.

Como o **Sér** masculino é em toda a parte o agente activo, também n'esse caso que ora observamos, era a Patativa, o agente passivo que recebia insensivelmente essa influencia emanada do mais forte e por effeito da qual, o mais fraco tem como programma apenas a obediencia tactica e incondicional. Era assim, n'aquelle casal, como o é na eloquente maioria das uniões felizes.

Porque, enquanto esses dois elementos primordiais da conservação da especie, não têm conseguido equilibrar e patentear nos proprios olhos, a verdadeira missão que a cada um é dado cumprir, o choque está sempre imminente, a ameaça de desarmonia é quasi eterna. A razão d'isso ninguém a externou melhor que um bello espirito de mulher que tem, além d'uma ampla cultura intellectual, esse dom peculiar ao seu sexo — um espirito penetrante e sensibilidade aguçada. — Ella definiu concisamente com essas palavras: «A mulher vive pela sensibilidade, pelos nervos, pelo coração».

«O homem pensa, raciocina, relaciona logicamente os effeitos e as causas, e põe uma justiça relativa, ampla, ou mais acanhada e mais rudimentar, conforme o desenvolvimento de sua intelligencia e a lucidez de seu entendimento, em todas as suas relações variadissimas com o mundo exterior».

«Como é que duas organizações assim fatalmente oppostas, hão de receber das cousas a mesma impressão e hão de traduzir em actos identicos, impressões que forçosamente serão diversissimas?»

Pois bem! se assim é, em nosso mundo, tantas vezes descripto e pintado com as cores mais negras, com aspectos quasi tetricos, não será talvez muito grande, a differença na existencia de outros seres da criação.

Continuemos então, nossa observação, em torno d'esse caso vulgar, mas curioso, n'esse mundo extranho das aves, esses sublimes cantores dos campos livres, esses esplendidos cultores de bellas artes, que ora se nos apresentam por outro aspecto

tambem delicioso, revelando-nos essa capacidade que também têm os seus corações de amar com as mesmas paixões que nós outros, «s racionais, ou talvez mesmo com mais sensibilidade e mais... raciocínio».

Estamos agora em presença d'uma carta, esse factor terrivel de tantos phenomenos diversos que tem a mesma capacidade de produzir alegrias e tristezas de trazer esperanças e desillusões.

Sabe-se por ora apenas que, mademoiselle Patativa em sua garridice habitual ou por uma vaidade, ou um innocente egoismo tão proprio de seu sexo, passava levemente da sua bolsinha de mão, duas largas folhas de papel, escriptas com a monotonia grosseira do estylo lugez e assignadas por um curto nome de traz letras, que era a abreviatura, com que se procurava amenisar a grosseria do nome d'aquelle antigo enamorado que de longe lá remetendo pelo correio as suas explosões sentimentaes.

Era esplendida tarde de janeiro e o manso Canario, olhava as folhas das altas palmeiras do jardim onde se encontravam, enquanto o pensamento fustigado pelo gesto despreocupado da bem amada, procurava a todo transe, investigar mais ainda, essa especie de sentimento que poderia trazer uma tão esthetica construção feminino, presa á um tão grande montão de grosseiras formas inestheticas como elle imaginava ser, o **Gallo de Campina**. Chegava-lhe a parecer uma soberba ironia da sorte esse contraste «si frappant», como diria elle.

Em verdade aquelle gesto, da premeditada exhibição d'uma carta, certamente portadora de amenas lembranças e doces recordações, perfeitamente oppostas e em completo antagonismo com o desenvolvente acção do sensível Canario, parecia mais o de um domador que fustiga as feras em seu poder, que um simples acto irreflexo de ingenuidade.

Era uma positiva rebelião, senão uma intencional picardia esse gesto d'aquelle que sentia a vaidade de se'r requestado, para qualquer lado que se voltasse.

Mis o espertio Canario, arrastado quasi ingenuamente pelos illusorios sonhos do momento, era então impotente para observar com serenidade a face real e positiva d'aquelle phenomeno tão vulgar. E como a idea de reacção não o desprezava, elle oppunha a essas piraças, outras tantas maldades. E assim, cada vez mais intensas, essas mutuas represalias, levaram ambos mais depressa ao termo d'aquelle função apparentemente feliz, exactamente como acontece nas humanas paixões.

Junho - 1916.

O QUE UMA BOA DONA DE CASA DEVE SABER DAS INDUSTRIAS NACIONAES

regresso ao salão

(Continuação)

CALÇADOS

Terminada a refeição, uma vez que não haja conversação entre os convidados, a dona de casa levantando-se, pousará seu guardanapo não dobrado sobre a mesa e tomará o braço de seu primeiro convidado. Na volta ao salão é ella quem passa em primeiro lugar. Os outros convidados seguem-na pela mesma ordem em que entraram.

Os cavalheiros, depois de terem conversado durante alguns instantes com as senhoras, dirigem-se para uma salinha ao lado ou para o escriptorio. Uma vez alli, o dono da casa oferece-lhes charutos, cigarros, e outros objectos apreciáveis para os fumantes.

E' muito da moda ter uma lampadinha chamada "lampada do fumador" que está continuamente accesa e substitue o phosphoro que acende de um cheiro desagradavel a sala em que se está.

Como já dissemos nesta sala é servido o café; para esse fim deve haver uma mesinha em que se deposita a bandeja com o café e licorres. A dona de casa compete servir o café, encherá uma chavena e com ella no pires dirigir-se a pessoa a quem quer dar a honra de servir em primeiro lugar. Na mão esquerda deve trazer o assucarero. A dona de casa recomeça esta cerimonia ante cada convidado, passando a sala de fumar. E' costume tambem oferecer-se um calice de licor; licor assucarado para as senhoras. Para os ho-

mens, *rum* ou *cognac*. Quando os homens deixam a sala de fumar entram no salão. Então conversa-se, se-a, pousará seu guardanapo não dobrado sobre a mesa e tomará o braço de seu primeiro convidado. Na volta ao salão é ella quem passa em primeiro lugar. Os outros convidados seguem-na pela mesma ordem em que entraram.

E' costume as senhoras permitirem que os cavalheiros fumem no salão.

A partida — Quando nos quizermos retirar devemos fazel-o á inglesa. No momento em que os convivas falam em retirar-se, deve servir-se n'uma bandeja competentemente parada sobre uma mesinha, *punch*, e refrescos. Estas bebidas devem ser servidas em cangrêres de crystal e os copos não devem ser de pé; quando o copo se prolongar, deve servir-se chocolate e bolos confortáveis.

O copo de qualquer bebida oferecido pela dona de casa é dado sempre na mão. Quando não podermos beber todo o liquido de uma só vez, devemos pousar o copo ao nosso lado sobre a mesa ou sobre qualquer movel de valor. Deve então por-se embaixo dos copos, umas bandejas pequinissimas, redondas, e de porcelana inglesa, orlada de um pequeno rebordo de nickel arrendado.

Os donos de casa conduzirão, até a porta do compartimento, os ultimos convidados, não os ajudando a vestir. O creado é quem deve encarregar-se disso.

A primeira visita depois do jantar a que se assistiu, deve ser feita durante os oito dias seguintes á recepção.

(Continúa)

Para ennegrecer os cabellos

Ha innumeras receitas para dar a cor preta aos cabellos, mas todas as tinturas existentes são muito perigosas porque são á base de nitrato de prata, de saes do chumbo, de cobre, de cobalto e até — parece incrível — cyanureto de potassio, que é um toxico perigosissimo, que pode envenenar rapidamente. As mais communs são as tinturas *progressivas* todas á base de nitrato de prata, cuja absorção dá lugar a uma intoxicção lenta, que termina por um cancro do fígado ou por uma arterio-sclerose ou ainda por accidentes mais graves.

As duas unicas formulas inoffensivas são o *Henné* verdadeiro para dar aos cabellos a cor loira ou castanho-claro e a *Petalina*, que tinge desde o castanho até um bello negro lustroso e vivo, que illude á pessoa mais esperta.

E' preciso não confundir o verdadeiro *Henné* — que é uma farinha vegetal que vem do Oriente e que não existe á venda no Brasil — com diversas tinturas que se encontram á venda no nosso commercio, á base de saes

de prata e de chumbo e com o rotulo de *Henné*. A pedida de diversas loiras não estavam fazendo esforços para importar do Oriente o verdadeiro *Henné* — para as loiras e castanhas — mas a guerra veio annullar os nossos esforços.

A *Petalina*, que é absolutamente inoffensiva, nós conseguimos que os senhores John Regent & Comp. — Bessum vir da Europa e as nossas loiras que desejaram fazer desapparecer os seus cabellos brancos, poderemos servir de intermediarias enviando-lhes a *Petalina*, que não temos divida em recomendar. Com a *Petalina* em dez minutos faz-se a pintura, podendo lavar-se a cabeça em seguida e por brillantina ou qualquer oleo nos cabellos. E' sufficiente uma applicação por mez e cada tubo de *Petalina* pode dar para um anno ou mais pois é concentrada e vem acompanhada de um prospecto explicativo sobre a maneira de usal-a e preparal-a. Simples, facil, perfeto e inoffensivo. Basta enviar a importancia de dez mil réis e o endereço á Empresa Feminina Brasileira. Alameda Glette, 87 - S. Paulo.

Dentre os productos nacionaes, que tomaram conta dos nossos mercados, um ha que pôde rivalisar com o seu similhar estrangeiro. E' o calçado. Essa industria, principalmente em S. Paulo, pôde-se dizer que attingiu o maximo da sua perfeição. Já se não diz que o calçado paulista rivalisa com o calçado importado de Londres ou Nova York, mas que até, por muitos motivos, o supera.

Qualquer das tres ou quatro grandes fabricas de calçado que funcionam em S. Paulo faria honra a qualquer cidade industrial da Europa e da America do Norte. Mas dentre essas grandes fabricas é de justiça destacar a da Companhia de Calçados Villaca.

Os productos desta fabrica são sempre recommendáveis, quer sejam de typo popular, quer os de typo elegante. Uns e outros equivaliam-se superiormente. Os de typo popular caracterisam-se pelos preços commodos; são confortáveis, duráveis e têm uma graça de linhas inconfundivel. Os de typo elegante, e especialmente, os que são destinados ás senhoras, têm um "chic", uma harmonia de forma elegantissima e dão ao pé uma graça muito suggestiva.

A fabrica Villaca não se contenta de oferecer ao mercado somente os modelos da moda americana. Os modelos americanos, como se sabe, se, por um lado, são racionais e obedecem ao desenho anatomico do pé, são, por vezes, desagradáveis e de aspecto chocante. Os modelos Villaca, ao contrario, têm contornos de fantasia e se afinam em linhas delicadas. A fabrica Villaca criou, com o auxilio de varios typos, um typo composto, que comparticipa da graça dos modelos francezes e da commodidade das formas americanas. Dahi o successo da sua marca, heje a mais preferida pela matoria da élite paulista.

O deposito central da fabrica — A' Boda Ideal" — á rua Direita 6-A, nesta capital, envia catalogos completos ás pessoas que os pedirem.

ADALIS

O mais elegante livro sobre cozinha até hoje publicado.

Contem grande copia de receitas de cozinha, doces, liciores, etc. todas experimentadas e muito praticas. Elegante livrinho util á toda a dona de casa e de grande proveito para as moças.

Preço 1000 Réis

Remettam essa importancia em sellos do correio com o vosso endereço a *Empresa Feminina Brasileira* Alameda Glette, 87 — São Paulo e immediatamente receberão o Adalys pela volta do correio.

Indicador da Revista

Dr. DESIDERIO STAPLER
Ex-substituto da Polyclínica Geral em Vienna Ex-
chefe de clínica dos hospitais. Cirurgião do Hos-
pital da Beneficência Portuguesa de São Paulo.
operador. Moléstias de senhores.

CONSULTORIO
N. 4, Rua Barão de Itapetininga N. 4
De 1 ás 3 horas da tarde. TELEPHONE 1407

CUNHA CABRAL & Cia.
Rua de S. Bento, 35 — SÃO PAULO
Caixa do Correio, 666

Vidros, Molduras, Papeis pintados, Espelhos, Ta-
petes e Capachos

FRANCISCO SCHULZ
Tapeçaria e Fabrica de Venezianas. — Officina
de Armador, Estofador e Tapeceiro. — Rua Santa
Ephigenia, 9 (Perto do Viaducto) S. Paulo. —
Telephone, 1723



A Victor-Victrola tem um lugar reservado em cada lar domestico

O desenho artistico deste instrumento e a linda musica que toca tem-o tornado bem-vindo nos lares domesticos de refinamento em todas as partes do mundo.

E a grande variedade de modelos da Victor-Victrola faz com que este instrumento seja acessivel a todos.

Visite-nos hoje e escolha o instru-
mento que deseje De Reis 10\$000
a Reis 750\$000.

CASA MURANO

32 Rua Marechal Deodoro, 32
Caixa 865 S. PAULO

Distribuidor geral

VICENTE

MURANO



PARA TINHIR OS CABELLOS

Podemos annunciar ás nossas leitoras que com grandes esforços, conseguimos obter uma nova remessa do PETALINA, o admiravel e infofensivo preparado, que tão grande successo está fazendo em todo o Mundo e que dá ao cabelo uma linda cor, desde o castanho claro, até o negro azovilhado. Os pedidos devem ser acompanhados da importancia de Rs. 10\$000, inclusive 200 réis para a despesa do correio

GRATIS

10.000 moças 10.000 moças



podem FACILMENTE ganhar lindos premios fazendo propaganda da Revista Mensal "O ECHO". Peça-m hoje descripção dos lindos objectos que offercemos aos nossos correspondentes, enviando este annuncio pregado a um bilhete postal com seu endereço exacto a Redacção da Revista Mensal



"O ECHO"
CAIXA POSTAL N. 338
— SÃO PAULO —



Para a venda a 100 reis

Peçam Catalogos e Preços
Correntes.

G. FINCATO & FILHO

Rua Prates N. 42

Caixa Postal N. 293

Telephone 38 (Bom Retiró)

— S. PAULO —



Para bem vestir, é neces-
sario o uzo do

'Collete Ideal'

Confecção a Capricho sob
medida da

"БОЖА ИДЕАЛ"

BARGO DO APOUCBE N. 75

Telephone N. 75 - SÃO PAULO

— AVISO UTIL —

R's Exmas. familias da Capital e interior

Para suas compras de moveis não deixem de visitar a casa "AO GRANDE ORIENTE", com officina propria de marcenaria e tornearia, bonitas mobilias de sala de jantar e de visitas, guarnições para quartos, emfim, um chic sortimento que não tem competencia; tapetes oleados e miudezas.

Rua Floriano Peixoto, 3, (canto do largo da Sé)

Telephone, N. 1382



— LA SAISON —

Grande officina de costura de vestidos
para senhoras e meninas.

Encomendas do interior. Para medida e sufficiente
mandar um corpim. Amostras e catalogo gratis a
quem pedir, citando esta Revista.

HENRIQUE BAMBERG

RUA LIBERO BADARÓ N. 113

TELEPHONE. 1013 - CAIXA, 113

Machina de Bordar

"La Fée du Foyer"

Original, (cuidado com as imitações)

Com o seu proprio aparelho que a Casa Edison, de S. Paulo, acaba de novo importar, a lady precisa poder fazer trabalhos de bordado de extraordinaria belleza, desfilando a qualquer hora e em qualquer parte, e sem a menor dificuldade. Este aparelho oferece uma occupação tão útil quanto agradável e consistente aduzir quanto se acha resultante neste ramo de ornamentação, visto que se recolhe a do proprio estado desta machina logo depois de fazer o primeiro trabalho. Cada senhora poderá com o auxilio deste pequeno apparellho, ornamentar o seu lar a seu gosto e de uma maneira verdadeiramente artistica, tudo com uma despesa minima.

O proprio legitimo fabricante, a "La Fée du Foyer", distribue os instrumentos em todo o Brazil a 60000 pelo correio ordinario. Para mais detalhes e preços, pedir a cada compariador que nos des enviar a endereço do 22 de seus commercios e annuos em diferentes lugares do Brazil a quem possam interessar os nossos prospectos de muitas novidades, enviamos um Album "Arte de bordar em alto relevo".

Todos os pedidos devem vir acompanhados da importância e dirigido em carta registrada com valor declarado.

GUSTAVO FIGNER

Rua 15 de Novembro N. 55

CASA EDISON

S. PAULO — BRAZIL

Casa de Saude - Dr. Homem de Mello & C.

Fortemente para doentes de moléstias nervosas e mentaes
Medico Consultor DR. FRANCO DA ROCHA, director do Hos-
pital de Juquery

Este estabelecimento, fundado em 1895 e situado no ex-
plendida bairro ALTO DAS PIEDADES, em uma extensao
de 3.000 metros quadrados, consistindo de diversos pavilhões
moderios independentes, apparellhos e dotado com appa-
rethos completos e rigorosa de sexes, fornece aos seus doentes
o melhor tratamento e com todo o conforto e orgulo
são tratados sob a administração de irmãs de caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais concei-
tuados de São Paulo

Informações com o Dr. Homem de Mello, que reside a rua
de Homem de Mello, proximo a Casa de Saude (Alto das
Piedades) CAIXA DO CORREIO TELEPHONE 500
— SÃO PAULO

Zaccara & Cia.

Alfaiates

Rua da Boa Vista, 38-B

Caixa do Correio, 511

Telephone N. 571

SÃO PAULO

CASA
FABRICA

MALTA
DE MOVEIS



M. S. Malta

Rua General Couto Magalhães, 50
Telephone, 1964 - SÃO PAULO

PREMIADA
EM ROMA, LONDRES E MILÃO

Accepta-se encomendas para
fabricação de moveis de qual-
quer estylo, e incumbe-se de
ornamentação em tapeçaria de
salas, gabinetes, etc.

Ver Catalogo A. 1900 - 1910
Preços modicos e a maxima promptidao
na execução de qualquer encomenda